



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL – DESSO**

Ana Milena Guimarães da Silva

**MAPEAMENTO, SISTEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO PRELIMINAR DE
PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE ARTE E CULTURA NO SERVIÇO SOCIAL
BRASILEIRO NO PERÍODO 2010-2020**

Mariana - MG

2023

Ana Milena Guimarães da Silva

**MAPEAMENTO, SISTEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO PRELIMINAR DE
PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE ARTE E CULTURA NO SERVIÇO SOCIAL
BRASILEIRO NO PERÍODO 2010-2020**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Serviço Social como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Área de concentração: Ciências Sociais Aplicadas

Orientador: Prof.^a Dr. Marlon Garcia da Silva

Mariana - MG

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586m Silva, Ana Milena Guimaraes Da.

Mapeamento, sistematização e discussão preliminar de produções acadêmicas sobre arte e cultura no serviço social brasileiro no período 2010-2020. [manuscrito] / Ana Milena Guimaraes Da Silva. Ana Milena Guimaraes da Silva. - 2023.

67 f.: il.: tab..

Orientador: Prof. Dr. Marlon Garcia da Silva.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. Arte. 2. Assistentes sociais. 3. Conhecimento e aprendizagem. 4. Cultura. 5. Serviço social. 6. Teoria do conhecimento. I. Silva, Ana Milena Guimaraes da. II. Silva, Marlon Garcia da. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 165

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Milena Guimarães da Silva

Mapeamento, sistematização e discussão preliminar de produções acadêmicas sobre arte e cultura no Serviço Social brasileiro no período 2010-2020

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social

Aprovada em 25 de agosto de 2023.

Membros da banca

Dr. Marlon Garcia da Silva - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Davi Machado Perez - Universidade Federal de Ouro Preto
Tamires Soares Santos - Prefeitura Municipal de Juatuba

Marlon Garcia da Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Marlon Garcia da Silva, COORDENADOR(A) DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**, em 28/09/2023, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0597196** e o código CRC **852695C2**.

AGRADECIMENTOS

Se inicia o fim e o início de um ciclo. Primeiramente quero contemplar toda a minha ancestralidade que abriram caminhos para a minha existência. Essa conquista é inteiramente dividida com meus pais, que comigo sonharam e todos os dias do cotidiano lutaram para que eu pudesse ter acesso a uma educação de qualidade, é até clichê mas de fato, sem vocês nada seria possível. Obrigada!

Gratidão imensa ao meu irmão Gabriel, que caminhou junto comigo em todos esses anos de graduação e sempre me instigou a sonhar alto. Minha eterna admiração ao meu orientador e amigo Prof. Marlon, que me apadrinhou durante a graduação me transmitindo diversos conhecimentos, e também sempre esteve disposto a dar um ombro amigo e teve uma paciência extrema ao lidar por muitas vezes com minhas limitações. Essa trajetória tem muito da escuta e companhia mesmo que de longe da minha irmã de alma, Lívia Maria, obrigada por tantas vezes ter me acolhido mesmo com a distância. Quero ressaltar também a importância de minha amiga e futura colega de profissão Iara nessa construção, nossas trocas sobre o curso ou conversas jogadas fora deixaram esse momento de conclusão mais leve.

Aos grandes encontros da vida, Yuri, minha dupla desde o primeiro dia de aula e com certeza seguiremos juntos. Barbára, que com sua doçura sempre cuidou muito bem de meus momentos de fragilidade durante esse processo. Gabriella Rocha, obrigada por muitas vezes ter sido e ser meu centro quando penso que tudo está perdido, pelo acolhimento, por nossas trocas de vida. Gratidão às minhas companheiras de casa em Mariana, 39A será eternamente um dos meus lugares no mundo! Laene (Lenão para mim) obrigada por ter sido refúgio inúmeras vezes.

Por fim, sou eternamente grata e feliz com tudo que vivi durante esse processo de construção de minha formação profissional, por ter integrado o Mineração do Outro, ter sido membro do Centro Acadêmico Igor Mendes na gestão “Nossa Balbúrdia é a Luta”, membro das Ações de Acolhimento ManU - Maternidade e Universidade, Presidente da Associação Atlética Acadêmica Primaz, participado de grupos de estudos, palestras. A todas e todos professoras e professores com que tive o privilégio de receber conhecimentos, a todos e todas colegas e amigos sendo vínculos da faculdade ou não, a cada familiar que sempre acreditaram em meu potencial.

Defendo ainda mais o ensino público, gratuito, de qualidade e inclusivo. Obrigada Universidade Federal de Ouro Preto, foram anos que me proporcionaram conhecimentos, encontros e lindas histórias!

RESUMO

O trabalho apresenta resultados da pesquisa, mapeamento e a discussão de parte da produção e das publicações acadêmicas sobre arte e cultura no Serviço Social brasileiro no período 2010-2020. A coleta de dados primários foi realizada no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES, no qual foram pesquisados os termos “Serviço Social, arte e cultura”, tendo sido identificadas 15 produções, entre artigos, dissertações, monografias de conclusão de curso e trabalhos em eventos da área. Entre as conclusões da pesquisa, destacam-se: i) A diversidade de áreas nas quais o tema investigado aparece, destacadamente: Assistência Social, Saúde, Cultura, Psicologia, Juventude, Movimentos Sociais, Hip-hop e rap, Cinema, Política, extensão universitária, formação profissional de assistentes sociais; ii) Que sobressaem-se como temas e categorias principais: Instrumentalidade do trabalho profissional de assistentes sociais; trabalho educativo; Serviço Social, trabalho profissional e a categoria da mediação; Emancipação política e emancipação humana; iii) Que sobressaem-se referenciais teórico-metodológicos ligados à tradição marxista, com a presença marcante também de referenciais de vertentes da fenomenologia, do positivismo e do funcionalismo, onde o ecletismo também se mostra presente e marcante; iv) a investigação leva à conclusão de que são genéricas e insuficientes as aproximações do material e textos investigados ao estatuto, à estrutura peculiar e à função social do artístico e do estético.

Palavras-chave: Serviço Social, Arte, Cultura, Produção de Conhecimento, Trabalho Profissional da/o Assistente Social.

ABSTRACT

This paper presents the results of the research, mapping and discussion of part of the academic production and publications on art and culture in Brazilian Social Work in the period 2010-2020. Primary data collection was carried out on the website of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - CAPES, in which the terms "Social Work, art and culture" were searched, and 15 productions were identified, including articles, dissertations, course completion monographs and papers at events in the area. Among the conclusions of the research, the following stand out: i) The diversity of areas in which the topic investigated appears, in particular: Social Assistance, Health, Culture, Psychology, Youth, Social Movements, Hip-hop and rap, Cinema, Politics, university extension, professional training of social workers; ii) The main themes and categories that stand out are: Instrumentality of the professional work of social workers; educational work; Social Work, professional work and the category of mediation; Political emancipation and human emancipation; iii) That theoretical-methodological references linked to the Marxist tradition stand out, with the marked presence also of references from strands of phenomenology, positivism and functionalism, where eclecticism is also present and striking; iv) the investigation leads to the conclusion that the material and texts investigated are insufficient and generic approaches to the status, peculiar structure and social function of the artistic and aesthetic.

Keywords: Social Work, Art, Culture, Knowledge Production, Professional Work of the Social Worker.

Lista de abreviaturas e siglas

UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PROEX: Pró-reitoria de Extensão e Cultura

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBAS: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

ENPESS: Encontro Nacional de Pesquisadoras(es) em Serviço Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1. ARTE, CULTURA E SERVIÇO SOCIAL: APROXIMAÇÕES ÀS PRODUÇÕES DO PERÍODO 2010-2020.....	11
1.1 Identificação e primeira organização do material.....	11
1.2 Sistematização e apresentação das produções.....	14
CAPÍTULO 2 – REFLEXÕES E ANÁLISE CRÍTICA DAS PRODUÇÕES IDENTIFICADAS.....	22
2.1 Análise crítica das produções.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

INTRODUÇÃO

A presente monografia de conclusão de curso, cujo objeto de estudo é “arte, cultura e Serviço Social”, tem uma de suas motivações ligadas à participação da autora em projetos realizados pelo “Mineração do Outro – Núcleo de estudos, pesquisa e extensão”, vinculado ao CNPq e à PROEX/UFOP, e também mediante a realização de uma pesquisa de iniciação científica intitulada “Mapeamento e discussão preliminar das publicações acadêmicas sobre arte, cultura e Serviço Social brasileiro na década de 2010”, financiada pelo Programa de Iniciação à Pesquisa/ PIP, da UFOP. E também de sua aproximação com a arte desde a infância, participação em projetos e oficinas ligados à música, teatro e dança.

A pesquisa assume como pressuposto o reconhecimento da natureza do Serviço Social como profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho, como especialização do trabalho coletivo, legitimada e regulamentada para intervir nas chamadas expressões “questão social”, oriundas das contradições do capitalismo monopolista (Netto, 2005; Yamamoto, 1988). Trata-se, pois, de uma profissão de natureza interventiva, chamada a responder prioritariamente às demandas e mazelas de caráter material dessa sociedade, vale dizer, demandas e mazelas muitas vezes situadas no plano das urgências e emergências da vida dilacerada no plano da materialidade social.

Essa natureza e dimensão da profissão, no entanto, nem de longe esgota as referências e o alcance da atuação de assistentes sociais, conforme os acúmulos inscritos no Projeto ético-político da profissão, e conforme consolidado, por exemplo, num amplo conjunto de pesquisas, inserções e práxis profissionais em instâncias mais mediadas como aquelas próprias da política, da ciência, da arte e da filosofia, que remetem ao complexo universo subjetivo e cultural da sociedade burguesa, e das suas mazelas e contradições.

Buscou-se realizar, a princípio, um “Mapeamento preliminar das publicações acadêmicas sobre arte e cultura no Serviço Social brasileiro na década de 2010”, onde os primeiros movimentos da investigação consistiram em visitar o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES)¹.

¹ “O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é um dos maiores acervos científicos virtuais do País, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. São mais de 49 mil periódicos com texto completo e 455 bases de dados de conteúdos diversos, como referências, patentes, estatísticas, material audiovisual, normas técnicas, teses, dissertações, livros e obras de referência. Foi criado para reunir material científico de alta qualidade e disponibilizá-lo à comunidade acadêmica brasileira”. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

No interior do site, foi utilizada a ferramenta “buscador”, sendo inseridas as seguintes palavras-chave: “Serviço Social, arte e cultura”, a partir das quais apareceram artigos, monografias de graduação, dissertações, teses e trabalhos publicados em eventos.

Esse primeiro material foi organizado e apresentado em um quadro panorâmico, formado a partir de primeira aproximação à forma e ao conteúdo defrontado, quando foram aplicados alguns filtros, além daquele temático, sendo eles: i) delimitação de país, optando-se pelas publicações brasileiras; ii) delimitação de ano, circunscrevendo-se o período de 2010 a 2020.

Feitas essas delimitações foram identificadas, organizadas e dispostas no quadro 15 produções, das quais 06 são artigos publicados em revistas da área, 05 são trabalhos monográficos de conclusão de curso, 02 são dissertações, 01 é artigo publicado no Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), 01 é artigo publicado em Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social, 01 é trabalho apresentado em Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS).

Em termos sumários, os objetivos da pesquisa foram: i) Mapear e discutir preliminarmente parte da produção e das publicações acadêmicas do Serviço Social brasileiro sobre arte e cultura, no período 2010-2020; ii) Contribuir para o debate nacional do estado de arte da matéria delimitada para investigação; iii) Potencializar as reflexões e as práxis acadêmicas que vêm sendo realizadas no curso de Serviço Social da UFOP no âmbito do tripé ensino-pesquisa-extensão; iv) Contribuir para potencialização da formação e das práxis sociais dos assistentes sociais, especialmente na Região dos Inconfidentes; v) Contribuir para os processos de qualificação da pesquisa docente e discente na UFOP.

Para tanto, na estrutura do presente Trabalho de Conclusão de Curso, num primeiro passo, expõe-se o referido quadro geral de primeira identificação do material investigado, avançando para uma primeira apresentação geral das 15 produções, em movimentos na direção da sistematização e identificação de áreas, temas, categorias e conceitos principais presentes nos textos.

Num segundo momento, os textos são considerado e analisados criticamente, tendo em vista sua estrutura, argumentos, referenciais teóricos consolidados, quando buscamos pensar em que medida essas pesquisas e produções teóricas avançam na direção da apreensão do que podemos considerar como sendo a natureza, a peculiaridade e a função social do estético e do artístico na dinâmica da produção e da reprodução social.

Busca-se, assim, indicar possibilidades e potencialidades de interações desses estudos, discussões e aquisições com a produção teórica e com a práxis e o exercício

profissional de assistentes sociais.

Cabe mencionar os limites estruturais relacionados à produção dessa pesquisa, limites ligados à pandemia da COVID-19 e seus rebatimentos materiais e subjetivos, sobre adoecimento e condições adversas de trabalho, estudo e vida, no período em que a pesquisa foi realizada.

CAPÍTULO 1. ARTE, CULTURA E SERVIÇO SOCIAL: APROXIMAÇÕES ÀS PRODUÇÕES DO PERÍODO 2010-2020

Neste capítulo foi feito o movimento de mapear e discutir preliminarmente parte² da produção e das publicações acadêmicas do Serviço Social brasileiro sobre arte e cultura, no período 2010-2020.

Inicialmente, apresenta-se quadro com referências informativas aproximativas do material identificado, conforme já indicado na Introdução acima.

Em seguida, o material é apresentado e comentado, em esforços de identificação e destaque das suas ideias e argumentos principais.

Por fim, são destacadas as principais categorias identificadas.

A investigação tem por objetivo principal, nesse passo, contribuir com as aproximações ao estado da arte da matéria, principalmente em aproximações à frequência e ao modo da abordagem do tema no Serviço Social brasileiro contemporâneo.

1.1 Identificação e primeira organização do material

Apresenta-se inicialmente, na forma de um quadro geral e panorâmico, o material bruto coletado, organizado e disposto em quatro colunas, que apresentam informações sobre “tema”, “autoria”, “fonte” e “palavras-chave”.

Quadro 1 – Produções sobre Arte, Cultura e Serviço Social, fontes diversas, 2010-2020

Tema	Autoria	Fonte	Palavras-chave
Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser artístico.	Arruda, Daniel Péricles.	Revista Katálysis. Vol.25 (2), mai-ago 2022.	Arte; Cultura Hip-Hop; Juventudes Periféricas; Ser-Artístico; Subjetividade.
Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica.	Arruda, Daniel Péricles.	Revista Katálysis. Vol. 23 (1), jan-abr 2020.	Cultura <i>hip-hop</i> ; Invisibilidade; Juventude Periférica; Reconhecimento; Serviço Social.

² Evidentemente, o material identificado é apenas parte de um conjunto mais amplo de produções do Serviço Social sobre a matéria, conjunto que não pode ser abarcado pelos procedimentos e caminhos adotados na metodologia da presente pesquisa.

Serviço Social, Arte e Cinema: reflexões para o enfrentamento ao pensamento fetichizado.	Scherer, Giovane Antonio; Alves, Vanessa Castro.	Capítulo do livro “Serviço Social Hoje”, 2020.	Arte; Serviço Social; Cinema.
Serviço social, arte e cultura: uma nova sociabilidade.	Toniolo, Camila Emanuele.	Monografia (grad.), PUC Campinas, 2020	Manifestações artístico-culturais Serviço Social Prática pedagógica Transformação.
Projeto FAMILIARTE - Serviço Social, Arte e Cultura.	Souza, Flávio Teixeira de.	16º CBAS, 2019.	Projeto Familiararte, Desenvolvimento Sociocultural, Adolescente.
Aproximações ao debate sobre Cultura e Serviço Social na contemporaneidade.	Cogoy, Eliana Mourgues.	Anais do XVI ENPESS, 2018	Cultura; Serviço Social; Projeto ético-político.
A mediação da arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana.	Lopes, Isabel Cristina Chaves.	Revista Temporalis, 2017-09-18, Vol.17 (33), p.61-74	Arte, Mediação, Serviço Social, Emancipação Humana
A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social.	Prates, Jane Cruz.	Textos e Contextos (Porto Alegre) 2017.	Arte e trabalho social. Instrumentais. Ensino. Processo de trabalho. Estratégias pedagógicas.
O assistente social e a política de cultura: reflexões sobre a inserção do profissional de Serviço Social.	Lucena, João Paulo Freitas.	VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, UFMA, 2015.	Não há.
A categoria cultura no serviço social brasileiro. Uma análise das diretrizes curriculares do Serviço Social.	Silva, Denise Ferreira da.	Monografia (grad.) UnB - 2015.	Cultura Assistentes sociais - formação profissional.
O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade.	Mattos, Bianca Nogueira.	Dissertação de mestrado. UNESP, 2015.	Serviço social - Estudo e ensino Arte e educação Sociologia educacional Arte - Aspectos sociais Assistentes sociais – Educação
Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial.	Galvanese, Ana Tereza Costa ; Nascimento, Andreia de Fatima ; D'Oliveira, Ana Flavia Pires Lucas.	Revista de Saúde Pública, 2013-06-01, Vol.47 (2), p.360-367.	Terapia pela Arte / Psicoterapia / Competência Cultural / Serviços de Saúde Mental.
Da Indústria Cultural à Contracultura: a Música na Formação/Intervenção do Serviço Social.	Borri, Giovanna Teixeira.	Monografia (grad.), UNIFESP, 2013.	Cultura, Música, Serviço Social.

A instrumentalidade do Serviço Social: a arte como intervenção social emancipatória e instrumento inovador para o trabalho da(o) assistente social.	Oliveira, Priscilla Rodrigues de.	Monografia (grad.) – UNB, Serviço Social, 2011.	Arte - aspectos sociais Serviço social.
O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social.	Conceição, Débora Guimarães da.	Serviço Social em Revista, 2010.	Prática pedagógica; Assistente social; arte; Emancipação.

Elaboração própria.

As produções foram dispostas no quadro considerando-se o critério de data de publicação, da mais recente para a menos recente.

Como se vê no quadro, de um total de 15 (quinze) trabalhos encontrados, 06 (seis) são artigos publicados em revistas, 03 (três) são trabalhos apresentados e publicados em eventos nacionais, 04 (quatro) são monografias de graduação, 01 (um) é dissertação de mestrado, e 01 (um) é capítulo de livro.

À primeira vista, entre as áreas e as temáticas que podem ser observadas, destacam-se intersecções entre o Serviço Social, cultura e arte com campos e expressões como: Hip hop e rap, contracultura, juventude, periferia urbana, Política de cultura, Política de Saúde e Centro de Atenção Psicossocial, mediação, trabalho educativo, emancipação política e emancipação humana, instrumentalidade do Serviço Social, prática pedagógica, extensão universitária, Política de Assistência Social, música, Cinema, desfeticização, Cultura, formação profissional de assistentes sociais.

1.2 Sistematização e apresentação das produções

Apresentado inicialmente o quadro e visualizado o “material bruto” encontrado, cabe avançar para uma primeira apresentação do mesmo, trazendo, para isso, as palavras e termos das/os próprias/os autoras/es. No tópico seguinte será feita uma análise crítica das posições e argumentos estabelecidos na bibliografia que segue apresentada.

Em artigo publicado em 2022 na Revista *Katálysis*, cujo título é “Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser artístico”, Arruda afirma que o objetivo do texto é “apresentar alguns aspectos relevantes sobre a relação entre arte e Serviço Social”(ARRUDA, 2022, p.404), tomando por referência “contribuições teóricas, na perspectiva interdisciplinar, na investigação qualitativa exploratória e com delimitação artística na música *rap*”(ARRUDA, 2022, p.404), quando “foram analisadas”, mais especificamente, “duas canções”, uma delas “*Periferia é o*

alvo, do grupo Visão de Rua”, e a outra delas “*Rap é compromisso*”, de autoria do rapper Sabotage. O interesse do autor se concentra em reflexões em torno do que ele denomina como “a formação, condição e expressão do ser-artístico”(ARRUDA, 2022, p.404), sendo que ele esboça em suas conclusões que “a arte, nesse caso, a arte periférica, o *rap*, é uma das modalidades artísticas que mais contribui para” o Serviço Social, uma vez que “apresenta o cotidiano repensado, ou seja, visto de modo crítico, além de apresentar subjetividades, peculiaridades e coletividades dos modos de vida, bem como elementos político-afetivos com base nas experiências socioterritoriais”(ARRUDA, 2022, p.404).

Já no artigo intitulado “Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica”, publicado em 2020, na mesma revista, Arruda expõe que com esse trabalho “objetiva-se apresentar uma leitura crítica sobre as interfaces entre a invisibilidade social da juventude periférica e a arte, especificamente com a cultura *hip-hop*”(ARRUDA, 2019, p.111), o que se faz, de acordo com as suas palavras, “a partir da abordagem marxista e da linha metodológica da história oral”(ARRUDA, 2019, p.111), sendo que, para tanto, “foram entrevistados três sujeitos integrantes dessa cultura”(ARRUDA, 2019, p.111). O autor esboça, apontando na direção dos resultados obtidos, que “a pesquisa realizada demonstra ser importante que essa arte esteja articulada à cotidianidade dessa juventude, com base em suas sociabilidades territoriais significativas de ações políticas e expressões afetivas” (ARRUDA, 2019, p.111).

O próximo texto que aparece no quadro é um capítulo do livro “Serviço Social hoje”, organizado por Eduardo Lima e Jaqueline Carvalho Quadrado, publicado em 2020 pela editora CEEINTER. Trata-se do capítulo intitulado “Serviço Social, Arte e Cinema: reflexões para o enfrentamento ao pensamento fetichizado”, escrito por Giovane Antônio Scherer e Vanessa Castro Alves, vinculados respectivamente aos cursos de Serviço Social da UFRGS e da PUC-RS.

Os autores ressaltam em sua abordagem o interesse na investigação das “dimensões emancipatórias da arte quando articulada aos processos de trabalho que se inserem assistentes sociais, enfatizando a prática cinematográfica como expressão artística com possibilidades contra-hegemônicas ao pensamento fetichizado” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18). Além disso, o texto “problematiza a realidade contemporânea, acerca do avanço do conservadorismo e do neoliberalismo” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18), contexto em que se impõem “desafios significativos ao trabalho do assistente social, na perspectiva da efetivação do seu projeto profissional” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18). Nesse contexto, os autores demarcam “as

contradições e possibilidades da arte, mediada no trabalho do assistente social, problematizando as dimensões de memória histórica, política, estética e educativa, entre outras, que perpassam o cinema e constituem-se como processos sociais emancipatórios, na medida em que possibilitam a decodificação e exploração do mundo, promovendo o pensamento crítico” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18). Apontando na direção dos resultados obtidos, “evidencia-se que a prática cinematográfica pode se constituir enquanto um disparador para pensar e avaliar valores, concepções de mundo e a própria conduta, tanto de realizadores, quanto de expectadores” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18), de modo que, para os autores, “a contribuição do cinema para o processo de superação da alienação e do pensamento fetichizado só se realiza quando há uma mediação com as lutas sociais na prática política” (SCHERER; ALVES, 2020. p.18).

Na sequência, aparece no Quadro 1 a monografia de graduação de Camila Emanuele Toniolo, defendida no curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 2020, intitulada “Serviço social, arte e cultura: uma nova sociabilidade”. Em linhas gerais, a autora expõe que a finalidade do seu TCC é “investigar a possibilidade das manifestações artístico-culturais na instrumentalidade do Serviço Social” (TONIOLO, 2020, p.4), para tanto, “pesquisando as manifestações artístico-culturais como mediadoras da prática pedagógica do Serviço Social e investigando o papel delas nas vivências dos usuários da política de Assistência Social” (TONIOLO, 2020. p.4). Nesse sentido, a investigação “aborda a conceituação das manifestações artístico culturais, sua inserção na individualidade e sociabilidade, seus desdobramentos quando inseridos na ordem capitalista e sua relação com o Estado” (TONIOLO, 2020. p.4). Além disso, a pesquisa “explora os perfis pedagógicos do Serviço Social e a aproximação com as manifestações artístico-culturais e finaliza com a análise dos dados coletados em pesquisa de campo embasada no referencial teórico levantado” (TONIOLO, 2020. p.4).

A próxima produção registrada no Quadro 1 é um trabalho apresentado e publicado no 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CBAS, realizado em Brasília, em 2019, de autoria de Flávio Teixeira de Souza. Trata-se de uma apresentação do “Projeto FAMILIARTE - Serviço Social, Arte e Cultura”, caracterizado como uma “atividade de extensão do curso de serviço social da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG” (DE SOUZA, 2020. p.1), onde é resgatada a “trajetória histórica” do projeto, bem como a “sua implantação no município de Abaeté/MG, durante os anos de 2009 e 2010”. Na apresentação do trabalho, expõe-se “uma

pesquisa quali-quantitativa sobre o rendimento escolar dos adolescentes atendidos pelo projeto” (DE SOUZA, 2020. p.1).

A produção seguinte também corresponde a um trabalho apresentado em evento nacional do Serviço Social, no caso, o XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social – ENPESS, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2018. Trata-se do trabalho apresentado por Eliana Mourgues Cogoy, intitulado “Aproximações ao debate sobre Cultura e Serviço Social na contemporaneidade”, no qual a autora volta-se à obra a às reflexões do sociólogo marxista gaulês Raymond Willians “sobre o significado da cultura” (COGOY. 2019, p.1), bem como de “suas repercussões na vida social e para o Serviço Social” (COGOY. 2019, p.1), tendo em vista “que as transformações societárias alteram tanto as relações sociais quanto as profissões” (COGOY. 2019, p.1). A autora considera que “no último período em que as políticas sociais tiveram um papel importante para o enfrentamento da desigualdade social é imperativo compreender os impactos na cultura dos subalternizados e as possibilidades de emancipação tendo em vista o projeto ético político da profissão” (COGOY. 2019, p.1).

Na sequência, aparece o artigo publicado na Revista Temporalis, em 2017, por Isabel Cristina Chaves Lopes, cujo título é “A mediação da arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana”. Em linhas gerais, a autora estabelece que a finalidade do texto é “apresentar, em nível de reflexões, questões relativas à articulação entre o debate do trabalho profissional do assistente social com estudos acerca do caráter político da arte a partir do pensamento marxiano” (LOPES, 2017. p.61). A autora esclarece que “tal articulação é apresentada, compreendida enquanto uma mediação política, que possibilita contribuição ao desenvolvimento de uma cultura para emancipação humana” (LOPES, 2017. p.61). Abordando temas e ideias fortes estabelecidos por K. Marx, como o tema da emancipação, a autora expõe que, “para tal processo” (LOPES, 2017. p.61), “o conceito de emancipação política precisa ser abarcado, visando converter o movimento que é capaz de realizar em estratégias para a realização da emancipação humana” (LOPES, 2017. p.61), sendo, para tanto, “imprescindível a interferência no universo dos valores sintonizados com os dos movimentos sociais e com experiências teórico-práticas que favoreçam processos de suspensões cotidianas” (LOPES, 2017. p.61).

O texto seguinte é de autoria de Jane Cruz Prates. Trata-se de um artigo publicado na Revista Textos e Contextos, intitulado “A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social”, no qual chama a atenção a dimensão da práxis, onde as reflexões da autora sistematizam importantes experiências do trabalho profissional de assistentes sociais,

bem como busca contribuir para sua potencialização. A autora busca adentrar textos e referências clássicos, como, por exemplo, alguns textos de Marx não muito conhecidos e dominados no Serviço Social.

Assim, a autora estabelece que o artigo “aporta reflexões sobre a arte como forma de expressão da matéria-prima do trabalho do assistente social, na medida em que os sujeitos utilizam diferentes maneiras para exprimir as refrações da questão social nas suas vidas, entre as quais as produções artísticas que caracterizam seus contextos e tempos históricos” (PRATES, 2007, p.221). Ela esclarece que o texto visa ao mesmo tempo “dar visibilidade ao uso da arte como instrumento pedagógico, a partir do qual processos sociais reflexivos podem ser mediados, contribuindo para ações organizativas e educativas que caracterizam uma intervenção social emancipatória, ou junto aos sujeitos usuários dos serviços sociais ou profissionais em formação” (PRATES, 2007, p.221). Em sua argumentação, o texto apresenta ainda “exemplos do uso da arte como instrumento pedagógico a partir de experiências profissionais na área da formação de pesquisadores, ensino em Serviço Social e processos de assessoria e supervisão” (PRATES, 2007, p.221).

Na sequência, tem-se o trabalho apresentado na VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, realizada na Universidade Federal do Maranhão em 2015, intitulado “O assistente social e a política de cultura: reflexões sobre a inserção do profissional de Serviço Social”, no qual o autor João Paulo Freitas Lucena afirma que o objetivo do texto apresentado é “evidenciar a importância da inserção do assistente social na política de cultura” (LUCENA, 2015. p.1), tendo em vista o reconhecimento de “um processo de continuidade e ruptura sobre a relação do Serviço Social com a cultura, e que existe uma série de transformações ocorrendo em nível nacional a fim de torná-la uma política social de direito” (LUCENA, 2015. p.1), sendo essa a referência balizadora pela qual o autor buscou “estudar a referida temática e elencar atividades que o profissional possa desenvolver” (LUCENA, 2015. p.1).

O texto seguinte é uma monografia de graduação em Serviço Social realizada na Universidade de Brasília, em 2015, de autoria de Denise Ferreira da Silva, na qual a autora estuda a “A categoria cultura no Serviço Social brasileiro. Uma análise das diretrizes curriculares do Serviço Social”. O objetivo da pesquisa, nos termos da autora, foi “analisar o debate da categoria cultura no Serviço Social, a partir das diretrizes curriculares de 1999 e 2002 e do Código de Ética de 1993 de forma com que fosse possível, tanto compreender de que forma estas estão relacionadas, quanto para propor novas práticas interventivas a partir da interlocução desses dois eixos temáticos” (DA SILVA, 2015. p.6). De modo que “foi feito levantamento de

definições de cultura, do histórico da profissão, assim como das principais normativas que direcionam o trabalho e a formação profissional do assistente social” (DA SILVA, 2015. p.6). Entre as sínteses alcançadas, consta que “foi possível concluir que a partir dos anos 2000 há um aumento gradativo de produção acadêmica em relação aos dois eixos temáticos juntos” (DA SILVA, 2015. p.6).

Na sequência, aparece a dissertação de mestrado apresentada e defendida por Bianca Nogueira Mattos no Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, em 2015, intitulada “O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade”. A finalidade do trabalho, nos termos da autora, foi “explicar sobre a arte enquanto categoria ontológica de mediação no Serviço Social, refletindo sobre suas possíveis contribuições para a atuação do assistente social, especialmente em sua dimensão socioeducativa” (MATTOS, 2015. p.10). A autora considera que tais “contribuições” são “provenientes da possibilidade de a arte promover o desvelamento da realidade social e a reflexão crítica com objetivo de fortalecimento da autonomia dos sujeitos sociais” (MATTOS, 2015. p.10). No itinerário da pesquisa, a autora considera o “significado social” (MATTOS, 2015. p.10) da profissão e suas “duas dimensões” (MATTOS, 2015. p.10), bem como a “categoria de mediação na perspectiva de totalidade” (MATTOS, 2015. p.10), referências para “a concepção de arte utilizada, no sentido ontológico e integralizante do ser social, a partir do referencial marxista e lukacsiano” (MATTOS, 2015. p.10). Em termos mais concretos e empíricos, a investigação abarca e compreende também “uma pesquisa participante com um grupo de famílias em uma escola no município de Campinas, onde foram feitas atividades que compunham modalidades artísticas” (MATTOS, 2015. p.10), tendo sido “realizada posteriormente uma análise de conteúdo a partir das obras produzidas nos encontros e da realização de entrevistas com os participantes” (MATTOS, 2015. p.10).

Na sequência, tem-se no Quadro 1 o artigo “Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial”, publicado na revista de Saúde Pública, em 2013, por Ana Tereza Costa Galvanese, Andreia de Fatima Nascimento e Ana Flavia Pires Lucas D'Oliveira. As autoras estabelecem que trata-se de um “estudo integrado à pesquisa de avaliação dos centros de atenção psicossocial, em São Paulo, SP” (GALVANESE *et al.*, 2013. p.360), onde “foram analisados os relatos da observação de tipo etnográfico de 126 atividades grupais de arte e cultura realizadas em 21 desses centros, entre 2007 e 2008” (GALVANESE *et al.*, 2013. p.360), numa “análise” que “incluiu depoimentos de coordenadores sobre os objetivos das atividades observadas” (GALVANESE *et al.*, 2013. p.360), tendo em vista os “referenciais teóricos da

atenção psicossocial” (GALVANESE *et al.*, 2013. p.360), sendo que “utilizou-se da técnica de análise de conteúdo para investigar relações entre meios terapêuticos (enquadres, atividades e vínculos) e objetivos das atividades” (GALVANESE *et al.*, 2013. p.360).

Na sequência constam no Quadro 1 duas monografias de graduação em Serviço Social.

A primeira delas foi apresentada em 2013, na Universidade Federal de São Paulo, por Giovana Teixeira Borri, intitulada “Da Indústria Cultural à Contracultura: a Música na Formação/Intervenção do Serviço Social”. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, a autora, na delimitação do objeto, afirma que “a música se constitui de diversas formas, modos e estilos sendo utilizada também para diferentes fins, como entretenimento, tratamento (musicoterapia), dominação, contracultura e lazer” (BORRI, 2013, p.9). A autora acrescenta que a música “também atinge diferentes dimensões dos sujeitos sociais, desde afirmação de grupos, passando pela dimensão afetiva, psicológica e de identidade, principalmente no caso dos jovens” (BORRI, 2013. p.9). Assim, tendo em vista e “entendendo a importância que a música tem na vida dos sujeitos” (BORRI, 2013, p.9), e adotando como referência “o conceito de cultura utilizado por Gramsci” (BORRI, 2013, p.9), a autora esclarece que na investigação empreendida “busca-se possíveis respostas para algumas questões sobre a influência da música nos modos de agir e pensar, mais especificamente investiga-se como esta pode ser ou é utilizada pelo Serviço Social” (BORRI, 2013, p.9), considerando “que, de um lado, tem uma função eminentemente educativa e, de outro, influencia diretamente na organização cultural das pessoas fortalecendo uma das classes fundamentais” (BORRI, 2013, p.9).

Além dessa dimensão teórica, a monografia compreende e “apresenta resultados de uma pesquisa empírica feita com estudantes do último termo, professores e técnicos do curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo do campus da Baixada Santista”, sendo que, nessa frente de trabalho, “o objetivo principal” (BORRI, 2013, p.9) consistiu em “visualizar como a música aparece na formação e na intervenção dos (futuros) Assistentes Sociais” (BORRI, 2013, p.9). Em relação à metodologia da pesquisa, tem-se que “foi aplicado um questionário com questões abertas para esses sujeitos, que continham perguntas sobre a música e a cultura dentro de espaços sócio ocupacionais e de formação” (BORRI, 2013, p.9). A autora ressalta que o “trabalho”, em seus objetivos e sua abrangência, “é de grande relevância para a profissão por discutir um tema que pouco aparece em grandes encontros ou referências bibliográficas da categoria e traz uma perspectiva inovadora do uso da música no espaço de trabalho dos Assistentes Sociais, principalmente com jovens, numa perspectiva de minimamente contribuir para os processos de transformação social” (BORRI, 2013, p.9).

A outra monografia foi apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade de Brasília, defendida por Priscilla Rodrigues de Oliveira, em 2011, intitulada “A instrumentalidade do Serviço Social: a arte como intervenção social emancipatória e instrumento inovador para o trabalho da(o) assistente social”. A autora expõe que o trabalho consistiu em “problematizar as discussões sobre a questão da arte e sua aproximação com o Serviço Social” (DE OLIVEIRA, 2011. p.6), e que “buscou-se, em primeiro lugar, realizar uma contextualização sobre a função social da arte ao longo dos tempos, de como seu papel mudou com o advento do capitalismo, transformando as relações de trabalho e criação” (DE OLIVEIRA, 2011. p.6). A pesquisa, de caráter bibliográfico, explorou “a hipótese” de que “a arte enquanto instrumento de trabalho para o Serviço Social tem a função de estimular a consciência crítica do ser humano, levando-o à sua emancipação, além de ser um recurso inovador na instrumentalidade do Serviço Social capaz de fortalecer o Projeto Ético- Político da profissão” (DE OLIVEIRA, 2011. p.6), concluindo “que no Serviço Social a produção sobre a temática ainda é escassa” (DE OLIVEIRA, 2011. p.6), diante do que afirma que “é premente a necessidade de aprofundamento sobre a relação Serviço Social e arte” (DE OLIVEIRA, 2011. p.6).

Por fim, desfechando as produções identificadas e registradas no Quadro 1, aparece o artigo publicado por Débora Guimarães da Conceição no periódico Serviço Social em Revista, em 2010. A título do artigo é “O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social”, e nele a autora “discute a possibilidade e a potencialidade da arte como instrumento que colabore para uma prática pedagógica crítica e criativa do assistente social, evidenciando o potencial educador da arte como meio para consolidação desta ação” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50). A autora trata dos “diferentes sentidos e conotações que a educação pode vir a ter em meio à disputa hegemônica” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50), avançando para considerações sobre a “contribuição do Serviço Social na criação de consensos na sociedade em torno de interesses das classes fundamentais” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50), o que, nos termos da autora, “pode reforçar a hegemonia vigente ou criar uma contra-hegemonia no cenário da vida social” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50). Por fim, em termos de desfecho, a autora aponta que “a potencialidade da arte somada à dimensão pedagógica do Serviço Social, quando construída num sentido de transformação e emancipação dos usuários, pode contribuir para a informação e a promoção de sujeitos mais questionadores da realidade social” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50).

CAPÍTULO 2 – REFLEXÕES E ANÁLISE CRÍTICA DAS PRODUÇÕES IDENTIFICADAS

2.1 Análise crítica das produções

Considerando o quadro obtido e a primeira apresentação do material, será feita neste ponto uma delimitação na qual três das produções identificadas serão desconsideradas, pelo fato de abordarem a temática “Cultura e Serviço Social” de maneira mais ampla, sem abordar diretamente a temática “arte”.

Essa delimitação não significa que esses trabalhos não sejam importantes, e eles podem ser considerados e estudados mais a fundo em pesquisas futuras.

São eles o trabalho apresentado no ENPESS por Eliana Mourgues Cogoy, “Aproximações ao debate sobre Cultura e Serviço Social na contemporaneidade”; o trabalho apresentado em evento nacional por João Paulo Lucena Freitas, intitulado “O assistente social e a política de cultura: reflexões sobre a inserção do profissional de Serviço Social”; e a monografia de conclusão de curso de Denise Ferreira da Silva, intitulada “A categoria cultura no serviço social brasileiro. Uma análise das diretrizes curriculares do Serviço Social”.

As análises que seguem acompanham a ordem de apresentação dos artigos conforme aparecem no quadro, dos mais recentes para os anteriores.

Começando pela produção de Arruda³ identificada (2020, 2022), cabe destacar, entre os seus méritos, o de tematizar aspectos da vida e da cultura urbana “periférica”, na maior metrópole do país, abordando com energia o rap e o hip hop, onde o autor adentra espaços e traz à tona dimensões importantes dessa vida e dessa cultura importante, pulsante e potente.

Por outro lado, chama a atenção que o autor, em suas elaborações, mescla referenciais de matrizes teóricas distintas, diversas, formando uma posição que pode ser considerada de viés marxista fenomenológico, o que se constata pela referência a autoras importantes do Serviço Social brasileiro vinculadas a essa tradição (por exemplo, Martinelli, 1999; Baptista e Battini, 2009).

O que pode ser visto em categorias que estruturam as análises do autor, entre elas: “sociabilidades territoriais significativas de ações políticas e expressões afetivas” (ARRUDA,

³ Algumas informações do autor: Arte-educa(a)dor. Pós-doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); formando em Psicanálise pelo Instituto Langage; doutor em Serviço Social pela PUC-SP; mestre em Serviço Social pela mesma instituição como bolsista do Ford Foundation International Fellowships Program (Turma 2010); Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

2020.p.111), “construir outros sentidos para suas experiências sociais” (ARRUDA, 2020.p.112), entre outras.

Essa posição de base se desdobra nas considerações do autor sobre a caracterização do “artístico”, como se vê em afirmações que tomam a arte como “experiência grupal construtora de identidades” (ARRUDA, 2020.p.112).

Um outro ponto de observação dessa posição é a construção metodológica da pesquisa, onde, “por meio da história oral, a qual exige a ida a campo, é possível conhecer a experiência e memória do indivíduo, aprofundando, por meio do diálogo, para conhecer os impactos dessas vivências em suas vidas” (ARRUDA, 2020.p.112), onde se sobressaem o “nome”, o “sujeito”, o “simbólico”, “como olhamos para o outro” etc.

As entrevistas trazem à tona um conteúdo precioso para consideração e análise de qualquer pessoa interessada na temática abordada, podendo ser considerada o ponto mais forte e rico da contribuição de Arruda.

No entanto, não identifica-se no texto uma concepção mais consistente, mais estruturada, do caráter próprio do artístico, de modo que as ligações do material das entrevistas com a estrutura da obra de arte não parecem suficientes, bem como as relações dessas expressões culturais com o Serviço Social, com a instrumentalidade e o com o projeto ético-político da profissão carecem, a nosso ver, de ser mais bem estabelecidas.

Outro ponto é que as referências do autor sobre as obras de Marx e Lukács são genéricas e pouco precisas, o que tem como consequência, por vezes, ideias pouco explicativas, como a de que a “arte faz parte do desenvolvimento do ser” (ARRUDA, 2020.p.116), e por vezes, a tendência à identificação imediata entre arte e política.

As seguintes palavras do autor ajudam a ilustrar o tipo da sua construção:

A arte vai para além de sua produção e exposição, pois trata-se de uma relação entre sujeitos, dos encontros. Por isso que Bobina, em sua trajetória de vida permeada pela arte, percebeu a diferença do olhar das pessoas e do seu próprio olhar direcionado a si próprio e aos outros. (ARRUDA, 2020.p.116-117).

As elaborações do autor não parecem considerar a teoria marxista do reflexo.

Ainda assim, um outro dos pontos fortes da pesquisa do autor é aquele que se volta ao tema da “desfetichização’ por meio da arte”, quando o autor cita Marx, Heller, Frederico, Lowy, Duménil e Renault. Também aqui estudos mais detidos dos clássicos do marxismo poderiam trazer mais força para explicar o caráter desfetichizador do artístico. Onde, por

exemplo, uma posição específica de Lukács (do livro “História e Consciência de Classe”) é generalizada indevidamente.

Para desfechar essas considerações sobre o texto de 2020 do autor, vale citar algumas palavras da sua conclusão:

O percurso realizado na pesquisa demonstrou, a partir das palavras emergentes dos sujeitos entrevistados, que a cultura *hip-hop* tem potência para romper a “*parede de vidro*” (depoimento de King Nino Brown), pois, para a arte revolucionária, é preciso o “*contato de pele*” para alcançar o “*estalo*” do conhecimento (depoimento de Mano Réu). Logo, “*estar e resistir no espaço*”, de modo a não se sentir “*sufocado*” (depoimento de Bobina), pode nutrir o desejo e dar condições para superar a invisibilidade social, que é um processo interminável e composto de armadilhas. (ARRUDA, 2020.p.119).

O outro texto de Arruda, “*Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico*”, de 2022, reafirma a matriz de fundo fenomenológico que orienta sua elaboração. Também, a nosso ver, o ecletismo é um traço característico deste texto, onde novamente a fenomenologia é intercalada e misturada com o marxismo. As referências agora parecem ainda mais abertas: de Marx a Heidegger, afirmativamente, passando por referências da Escola de Frankfurt e por Freud.

Nesse sentido, uma ideia principal do texto, a ideia de “ser-artístico”, parece remontar a elaborações ligadas a Heidegger.

As entradas do autor pelo marxismo parecem também mais elaboradas, ainda assim, parecem insuficientes, inclusive, porque: i) não são suficientes para superar o ecletismo, ii) não repercutem significativamente na análise do objeto (arte, música, rap) nem nas sínteses a que o autor chega; iii) não apreendem consistentemente elementos constitutivos de uma estrutura categorial específica do estético.

Novamente, os méritos do artigo, sua força, encontram-se em trazer à tona a cultura da periferia urbana, do hip-hop e do rap, mais especificamente, em referências a Dina Di/ Visão de Rua, e Sabotage, quando são apresentadas obras desses rappers.

Por fim, cabe notar que o texto parece carecer de uma compreensão e de elaborações mais consistentes sobre o Serviço Social, sobre o estatuto da profissão, sobre o projeto ético-político etc.

Passaremos agora a analisar com mais cuidado o capítulo do livro de Giovane Antonio Scherer⁴ e Vanessa Castro Alves, “*Serviço Social, Arte e Cinema: reflexões para o enfrentamento ao pensamento fetichizado*”.

O texto destaca como uma dimensão importante da vida social contemporânea as formas de comunicação, em tempos de crise do capital, de avanços do conservadorismo, onde ganham cada vez mais força, por exemplo, as tecnologias informacionais. Nesse âmbito, os autores situam a comunicação como um direito humano fundamental.

Isto posto, eles chamam a atenção para a necessidade e urgência de se constituírem formas de enfrentamento do pensamento manipulado, fetichizado, da chamada indústria cultural, quer dizer, de se constituírem formas de enfrentamento da ideologia dominante, na direção da construção de uma outra hegemonia.

A princípio, pode-se considerar que os autores vão apresentando concepções de arte bastante abrangentes e, nesse sentido, pouco específicas, como se vê nas seguintes passagens:

Tendo em vista que a arte também é uma forma de comunicar ideias, concepções de mundo e formas de pensar, diversas manifestações artísticas têm sido associadas aos movimentos e lutas sociais, demonstrando o grande potencial para o desenvolvimento da consciência crítica e a transformação social. (SCHERER; ALVES, 2020. p.18-19.)

Ao unir racionalidade e sensibilidade, a arte é capaz de provocar pensamentos, despertando desejos de ação e deveres. (SCHERER; ALVES, 2020. p.19)

Numa visão mais panorâmica dos objetivos do artigo, pode-se destacar as relações entre arte e Serviço Social, onde os autores afirmam que “compreender as potências e limites das expressões artísticas nos processos de trabalho que se inserem os assistentes sociais na contemporaneidade, mostra-se como um elemento fundamental na perspectiva da materialização do seu projeto profissional” (SCHERER; ALVES, 2020. p.19)..

Ainda sobre elementos estruturantes do texto, destaca-se dentre as expressões artísticas delimitadas para reflexão, que “o cinema se constitui como um elemento extremamente contraditório” (SCHERER; ALVES, 2020. p.19).., sendo ao mesmo tempo uma “indústria que

⁴ Giovane Antonio Scherer, possui graduação, mestrado e Doutorado em Serviço Social. Atualmente é professor no Instituto de Psicologia, Serviço Social e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS - curso de graduação em Serviço Social e no Programa de Pós-graduação em Política Social e Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul /UFRGS. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Vanessa Castro Alves é graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2012/2). Possui Doutorado e Mestrado em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

movimenta milhões” (SCHERER; ALVES, 2020. p.19)., e um meio de se alcançar e potencializar a consciência crítica das massas.

Os autores consideram que “A construção de uma sociedade alternativa, rumo à emancipação humana requer o desenvolvimento da consciência de classe” (SCHERER; ALVES, 2020. p.22). Para tanto, reivindicam “ações inovadoras, tais como aquelas mediadas pela arte que se constituem como processos sociais emancipatórios” (SCHERER; ALVES, 2020. p.22). São ações que “contribuem para a elevação intelectual, a superação do senso comum e das relações de dominação” (SCHERER; ALVES, 2020. p.22).

Um dos méritos principais do texto, no tratamento do estético e do artístico, consiste em situá-los em solo sócio-material e histórico, acompanhando posições filosóficas de Lukács, como se vê na seguinte passagem:

Baseando-se em uma concepção marxista, parte-se do pressuposto de que a questão estética atravessa a humanidade, pois a arte, assim como a religião, a ciência e os demais elementos da superestrutura também são produções do homem para satisfazer necessidades humanas construídas historicamente. Ao serem produzidas pelo ser humano, contribuem para a sua própria construção e enriquecimento pessoal, bem como para a criação de um mundo humanizado. A ciência e a arte não são exclusivas de sua dialética interior, independentes da história. São, portanto, determinadas pelo processo histórico da produção social (LUKÁCS, 2009).

É importante destacar o alinhamento claro dessa elaboração com a teoria social de Marx. No entanto, a leitura de Marx feita pelos autores do texto é subsidiada pelo marxista espanhol Adolfo Sanchez-Vásquez. Talvez isso explique o que parecem certas generalizações imprecisas sobre a esfera da arte, em considerações como aquela que afirma que “historicamente a arte cumpriu e ainda cumpre diversas funções, de acordo com o contexto social”, em variações muito abertas em que o artístico é identificado em diversos contextos e âmbitos sociais, desde o paleolítico e uma “arte rupestre”, à chamada Antiguidade Clássica e uma “arte antiga”, a uma arte católica no Medievo ocidental, uma arte do Renascimento, uma arte na ascensão da burguesia, uma arte moderna, a arte como mercadoria etc.

Este nível de generalidade pode ser visto na seguinte passagem, pouco específica:

Dessa forma, compreende-se que a arte é um fenômeno social, construído historicamente, ou seja, é permeada por influências sociais presentes no tempo histórico em que foi criada, assim como também é capaz de exercer influências e cumprir diferentes papéis de acordo com a configuração da sociedade”. (SCHERER; ALVES, 2020.p.25)

Os autores trazem que para Marx e Engels “[...] a arte e a literatura são formas ideológicas que permitem ao homem tomar conhecimento acerca dos conflitos entre as classes sociais de determinado tempo histórico” (SCHERER; ALVES, 2020.p.25).

Aqui, os autores fazem referência a um conhecido enunciado de Marx sobre ideologia, que está no prefácio de 1859 à “Contribuição para a crítica da economia política”. Novamente, neste ponto, as reflexões mantêm-se num nível mais geral, inespecífico, uma vez que Marx no referido prefácio fala tanto da arte como fala também do direito, da política, da religião, da ciência, da filosofia etc., como formas de ideologia.

Também adentrando o tema da “relativa autonomia”, os autores parecem manter-se num nível alto de generalidade, onde consideram que “essa relativa autonomia se dá por meio da capacidade criativa do artista ao projetar em suas obras elementos de sua subjetividade, de seu processo de formação histórica, que sofre interferência de suas produções anteriores” (SCHERER; ALVES, 2020.p.25). Caberia, nesse sentido, perguntar: também no trabalho, não se projetam elementos da subjetividade no mundo? Na magia, na religião, nas atividades cotidianas, também não se projetam elementos da subjetividade no mundo?

Nessas elaborações buscando adentrar o campo do artístico, por vezes, as fronteiras que demarcam a especificidade de campos diversos parecem ser desconsideradas, quando se tem em vista elaborações como as que afirmam que “a arte cumpre diversas funções, sejam ideológicas, políticas, cognoscitivas e estéticas, entre outras” (SCHERER; ALVES, 2020.p.25), ou a que afirma que “uma de suas principais características é a sua capacidade de provocar reflexão e produzir conhecimento” (SCHERER; ALVES, 2020.p.25).

Apesar dessas elaborações que têm certo grau de imprecisão, o texto traz também, sem dúvidas, elaborações e argumentos consistentes na afirmação de uma peculiaridade do artístico.

O que pode ser visto nas reflexões que os autores fazem a partir da vida cotidiana: “A arte se constitui como um elemento de elevação da cotidianidade, uma vez que essa relê a vida cotidiana, provocando questões e inquietações de um nível que talvez outros processos poderiam não alcançar” (SCHERER; ALVES, 2020.p.28).

Essa “releitura” que a arte faz é apreendida pelos autores em termos importantes, que trazem já uma estrutura peculiar do artístico, como se vê, por exemplo, na seguinte passagem:

Como refere Lukács (2010) a estética marxista identifica o maior valor da atividade criadora do sujeito artístico no fato dele assumir em suas obras o processo social universal e torná-lo sensível, experimentalmente acessível,

sendo que nessas obras cristaliza-se a autoconsciência do sujeito, o despertar da consciência do desenvolvimento social. (SCHERER; ALVES, 2020, p. 28).

Não é difícil perceber as conexões dessa estrutura com potencialidades desfetichizadoras, assim como não é difícil perceber suas conexões, possibilidades e potencialidades com o exercício profissional de um Serviço Social crítico.

Têm-se, assim, o desafio profissional para os assistentes sociais de construir, junto com a população usuária, mediações de suspensão da vida cotidiana, isso é: a realização de um movimento que possa elevar a cotidianidade para penetrar na esfera humano-genérica (HELLER, 1989), compreendendo a realidade para além das suas aparências fenomênicas, e, assim, consolidar processos de mediações entre o particular, o singular e o universal. (SCHERER; ALVES, 2020, p. 28).

No sentido mais abrangente da teoria crítica trazida pelos autores, as possibilidades desfetichizadoras da arte mostram-se também no âmbito contraditório da indústria cultural e do cinema.

No caso, os autores recorrem criativamente à tradição cultural crítica da Escola de Frankfurt, em referência especialmente a Benjamin e Adorno, em considerações como a que defende “que a arte cinematográfica, enquanto meio de comunicação e mediação é capaz de promover discursos contra-hegemônicos e assim fomentar o pensamento crítico”.

Os autores consideram que “há contradições dentro da própria indústria cultural” (SCHERER; ALVES, 2020.p.32); contudo, há também aí “há espaço para reflexão e crítica” (SCHERER; ALVES, 2020.p.32).

Nesse sentido, “acredita-se que a práxis cinematográfica aliada a uma dimensão política pode contribuir de maneira relevante para a constituição de processos sociais emancipatórios, que rompam com o individualismo, a competição e a mercadorização da vida, elementos que compõem o pensamento fetichizado, fundamentais à ordem do capital” (SCHERER; ALVES, 2020.p.29).

Nessas articulações de vertentes teóricas críticas, marxistas, do século XX, os autores recorrem ainda a contribuições de Gramsci, de modo que este capítulo de livro traz importantes contribuições para as reflexões do Serviço Social sobre arte, cultura e práxis profissional.

A seguir analisaremos a monografia de conclusão de curso de Camila Emanuele Toniolo, cujo título é “*Serviço Social, arte e cultura: uma nova sociabilidade*”, de 2020,

apresentada ao curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – São Paulo.

A autora introduz argumentos que circundam o debate do uso da arte e cultura através de interesses econômicos, classistas, capitalistas, em relações de disputa de hegemonia. Pondera sobre a força e as relações do capital nos domínios da cultura e da ideologia. Entretanto, nessas relações contraditórias, a autora situa as possibilidades da arte e da cultura como potencializadoras para o ser humano reconhecer a realidade em que vive e abrir horizontes para transformá-la.

Estando em uma democracia política, sabe-se que diferentes projetos societários sempre estão em conflito na luta por hegemonia, assim a cultura e a arte podem assumir um papel contra hegemônico em que os homens tomem consciência através dela no sentido de compreender a realidade e transformá-la. (TONIOLO, 2020. p.7)

Relacionando essas reflexões mais gerais com a profissão, a autora considera que

O Serviço Social como parte do contexto sócio-histórico e inserido nele também possui suas atribuições e considerando sua função pedagógica pode tanto reafirmar e reproduzir a ideologia dominante quanto construir perspectiva de uma nova ordem societária. (TONIOLO, 2020. p.7).

A autora apresenta em sua pesquisa a seguinte pergunta norteadora: “qual a possibilidade das manifestações artístico-culturais na instrumentalidade do Serviço Social?” (TONIOLO, 2020. p.7).

Assim, buscando “pesquisar as manifestações artístico-culturais” (TONIOLO, 2020. p.7) e “investigar o papel das manifestações artístico-culturais nas vivências dos usuários da política de Assistência Social” (TONIOLO, 2020. p.7-8), a autora coloca que “arte” e “cultura” são “conceitos fundamentais” (TONIOLO, 2020. p.9) que precisam ser preliminarmente discutidos. Onde

[...] a cultura pode ser compreendida como modo de se organizar e se relacionar, sendo a construção de valores, identidades, práticas e manifestações humanas não podendo ser dissociada da estrutura social e momento histórico no qual se encontra. (PESTANA, 2008, *apud*. TONIOLO, 2020. p.9)

Ainda em suas primeiras definições conceituais de arte e cultura, a autora busca apoio em uma “perspectiva da antropologia social do século XX”, recorrendo a Marilena Chauí (2008, p.57), onde a cultura corresponde à

produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores.

É nesse âmbito que a autora introduz também uma primeira compreensão mais enérgica da arte, considerada como componente da cultura”:

Assim a arte pode ser considerada como componente da cultura, ou seja, uma de suas dimensões, pois apreendendo a realidade vivida pelos sujeitos e ao se concretizar também objetiva seu pensamento, cultura e valores (FERREIRA; SANTOS, 2017) em seus diferentes tipos de relações sociais podendo se expressar de diversas formas dentre elas a linguagem, a dança, os cantos rítmicos. Tem-se, portanto, como manifestação artístico-cultural a materialização da cultura por meio da arte em suas expressões como música, dança, teatro, literatura, ou seja, um recorte das expressões culturais, porém sem desconsiderar a significação ou sentido das manifestações artísticas bem como a revelação de vivências e identidades a partir das mesmas (TONIOLO, 2020. p. 9).

Passando a tematizar “a individualidade e sociabilidade através da arte e da cultura”, a autora considera que “tanto arte como cultura são desdobramentos do trabalho”, sendo que este, nos termos de Fuziwara, é “uma condição de existência em qualquer sociedade humana, sendo que por meio dele o homem responde às suas necessidades, tendo também função de mediatizar o intercâmbio com a natureza” (TONIOLO, 2020, p. 9).

Nesses parágrafos, a autora adentra uma argumentação alinhada à ontologia do ser social, no âmbito do marxismo, afirmando, sempre citando Fuziwara, que “É por meio dele que ocorre o salto ontológico do ser natural para o ser social, além disso, nesse intercâmbio com a natureza, consigo mesmo e com os outros que o ser social pode se desenvolver” (TONIOLO, 2020, p. 10).

No entanto, a autora busca interligar essas referências da ontologia histórico-materialista do ser social com referências do que ela chamou, linhas acima, de uma “perspectiva da antropologia social do século XX”, embasada em Chauí. Como se vê na seguinte passagem:

Considerando que o trabalho funda o ser social, a cultura vai se constituir como práxis social (FUZIWARA, 2014) na medida em que ao construir uma rede de relações forma um movimento de criação de sentido como instituição

social tendo interferência ou refletindo as condições materiais e históricas do momento (CHAUÍ, 2008).

A autora não desdobra muito a argumentação, mas parece que não há dúvida que seus referenciais se encaminham na direção de certo ecletismo.

No andamento do trabalho, a autora passa a tratar de “arte e cultura inseridas na sociabilidade capitalista”. Onde,

Partindo da premissa de que a arte e a cultura manifestam o modo de ser da sociedade, sendo esta capitalista, as manifestações artístico-culturais vão ser moldadas ao padrão de produção e reprodução dessa ideologia, rompendo com o livre desenvolvimento humano. (FUZIWARA, 2014). Esse processo se dá na medida em que os produtos do trabalho, assim como os da arte e da cultura são transformados em mercadoria, e o processo de criação acaba se tornando trabalho alienado. (NARCIZO, 2014, p.62).

A autora faz breves considerações sobre a categoria alienação, buscando situar como nas relações mercantis capitalistas a cultura e os valores estéticos vão sendo subordinados aos interesses econômicos do valor de troca e do lucro, num contexto de predomínio da indústria cultural e da cultura de massa (Chauí, 2008; Narcizo, 2014).

De acordo com Chauí (2008), existem quatro pontos que demonstram como a indústria cultural opera, a saber: 1) separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado; 2) cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais; 3) inventa uma figura chamada “espectador médio”, para vender um produto “médio”, seduzindo e agradando o consumidor com o senso-comum cristalizado, que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova; 4) e define a cultura como lazer e entretenimento. (TONIOLO, 2020. p. 12).

A autora busca articular uma teoria crítica à indústria cultural, ao domínio da mercadoria e do consumo de massa no capitalismo contemporâneo com categorias da estética marxista lukacsiana, como se vê na seguinte passagem, onde aparecem as categorias “antropomorfização” e “autoconsciência”:

Dessa forma, como Fuziwara (2014, p.55) traz, ao criar o produto artístico a indústria cultural aparentemente une a arte e a vida cotidiana ampliando seu alcance na condição de mercadoria, porém verifica-se a ampliação também da alienação e a retirada da dimensão antropomorfizada da arte. Segundo Prates (2007), é nessa dimensão que se dá o processo de autoconsciência da humanidade, e ao retirá-la faz com que o reflexo antropomorfizador da realidade não exista, impedindo a relação entre o homem e o mundo na qual é possível o desvelamento do real e dos processos alienantes. (MATTOS, 2015). (TONIOLO, 2020. p. 12).

Aqui, podemos fazer a seguinte observação crítica: a leitura indireta, subsidiada, que a autora faz das categorias marxistas, da estética, não contribui para uma precisão conceitual. Por exemplo, pode-se indagar: as formas mercantilizadas das expressões estéticas no capitalismo não são também elas formas antropomorfizadoras? Parece-nos, ao contrário do que está afirmado na citação acima, que sim.

A autora passa a considerar “a forma como o Estado e a política cultural em geral atuam na reprodução da ordem vigente” (TONIOLO, 2020, p. 19), buscando situar nessas relações o Serviço Social.

Abordando a relação entre Estado e Cultura, ela apresenta perguntas provocativas: “Como o Estado vai se relacionar com a cultura?” (TONIOLO, 2020. p.13) “Existiria um vínculo destes com o modo de produção da sociedade e como as relações sociais e de trabalho se dão?” (TONIOLO, 2020. p.13).

Nesse âmbito,

A atuação do Estado vai ser caracterizada por potencializar o trabalhador tanto como força de trabalho quanto como consumidor, pois ao proporcionar renda para os trabalhadores também se fazia necessário proporcionar tempo de lazer para que eles consumissem os produtos[...]. (TONIOLO, 2020. p.14).

Através desse resgate histórico, Toniolo discorre sobre o momento em que a ideologia neoliberal se arma frente à crise de “superprodução e superacumulação”, onde uma forma de lidar com a crise do capital é justamente “cortando”, por exemplo, “gastos sociais”. Onde

[...] o Estado passou a garantir condições mais atrativas ao investimento estrangeiro o que incluiria redução e restrição do gasto público social diminuindo gastos em políticas sociais, ou seja, seria uma minimização do Estado para o social e uma maximização do mesmo para o capital no sentido de liberdade do mercado. (TONIOLO, 2020. p.15).

Também nas palavras da autora:

As políticas sociais/públicas vão ser redimensionadas e substituídas tendo como principais características sua fragmentação e focalização. Além disso, ainda de acordo com os mesmos autores, serão fundamentadas em duas ações estatais: a de privatização dos serviços sociais introduzindo a mercantilização; e o fomento e a indução para que sejam estabelecidas parcerias entre os governos e organizações filantrópicas e não governamentais. (TONIOLO, 2020. p.15).

Adentrando mais especificamente o tema “Serviço Social, cultura e arte”, quando passa a considerar a “prática pedagógica do Serviço Social”, a autora adentra aspectos da “gênese da profissão, sua legitimação, institucionalização e seu movimento de reconceituação” (TONIOLO, 2020. p.13), numa leitura que se baseia, entre outros, nos trabalhos de Abreu (2008), Mattos (2015), Conceição (2010) e Guerra (2000).

Sobre as bases da estrutura econômica capitalista, das expressões da questão social no monopolismo e na particularidade brasileira, interessa destacar alguns dos saldos e das considerações mais importantes da autora sobre o Serviço Social, mais diretamente relacionados com os interesses da presente pesquisa. Entre eles:

A dimensão pedagógica vai intervir na organização e reorganização da cultura no sentido de desvelamento da realidade e deve ser pensada para que desmistifique a ideologia dominante na busca pela transformação. (CONCEIÇÃO, 2010, p.51). Dessa forma, de acordo com Mattos (2015, p.83), a ação de mediação permite ultrapassar o imediato através da negação e do reflexo da realidade sendo possível também ampliar o desvelamento das expressões da questão social e das contradições dessa sociedade por parte dos usuários, contribuindo com essa aproximação com a essência genérica humana. A categoria de mediação, nesta dimensão socioeducativa, que vai permitir aproximações e com as determinações da realidade social e com a essência humana. (MATTOS. 2015, p.114). A instrumentalidade do Serviço Social, é justamente esta capacidade de modificar, transformar e alterar as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais da realidade social concretizando seus objetivos profissionais, isto é, tal propriedade possibilita que os profissionais objetivem sua intencionalidade em resposta profissional. (GUERRA, 2000).

A partir dessas referências, a autora passa a considerar a dimensão pedagógica do Serviço Social, suas possibilidades emancipatórias, nas batalhas ideológicas e educativas. Nesse âmbito, adentrando o campo do artístico,

O uso dessas manifestações enquanto instrumento pedagógico pode ser considerado uma estratégia educativa de mediação com a realidade objetiva que gere processos reflexivos caracterizando uma intervenção profissional emancipatória. (FERREIRA; SANTOS, 2017, p. 8) Nesse sentido, Mattos (2015) trabalha a arte como mediação de mecanismos de resistência visto que possibilita autonomia para o conhecimento, questionamento e enfrentamento da realidade concreta. Narcizo (2014, p.69) acaba por explicitar essa potencialidade da arte como meio quando esta extrapola o imediatismo e a fragmentação presente no cotidiano. A utilização da Arte enquanto instrumental é uma prática que pode e deve ser tomada como uma possibilidade no trabalho profissional, porque, atrelada a uma intencionalidade crítica, produz uma prática desveladora do real. (NARCIZO, 2014, p.72) Esse uso enquanto estratégia criativa permite desvendamentos e intervenções concretas para o desenvolvimento de processos sociais que

instiguem processos reflexivos e mediações com realidades similares. (PRATES, 2007).

Essa citação mais longa é muito importante, por trazer referências bibliográficas principais nas quais se apoia Toniolo, e por dar, a nosso ver, uma ideia da potência dessa bibliografia, ao trazer, por exemplo, o campo do artístico destacando as categorias da “instrumentalidade” e das “mediações”, mas também os limites dessa bibliografia, onde, mais uma vez, ao que parece, dentre da “instrumentalidade” e das “mediações”, seira possível e mesmo necessário se avançar mais na direção de uma estrutura categorial peculiar do estético.

No texto analisado, o avanço possivelmente mais importante nessa direção encontra-se em passagens como a seguinte:

A arte enquanto processo de autoconsciência da humanidade é reflexo antropomorfizador da realidade (PRATES, 2007, p.226) e faz com que o homem se reconheça como criador de sua existência. (NARCIZO, 2014, p.67). Com seu caráter antropomórfico e subjetivo, as atividades artísticas tornam sensível a experiência de desvelamento das contradições da sociedade, além disso, podem ampliar a participação e despertar a criatividade. (MATTOS, 2015, p.105). Com o fim de ressignificar o espaço do cotidiano, a arte promove a ruptura que quebra a imediatez da vida cotidiana e que realiza uma figuração sensível do real, podendo expressar-se numa unidade sensível entre essência e aparência, produzindo com isso, uma totalidade intensiva”. (NARCIZO, 2014, p.76)”.

O que ajuda a dar a dimensão dos méritos e da contribuição dessa produção de Toniolo (2020).

Passaremos agora a analisar o texto apresentado no 16º CBAS por Flávio Teixeira de Souza⁵, intitulado *Projeto FAMILIARTE - Serviço Social, Arte e Cultura*.

Trata-se de um projeto de extensão do curso de Serviço Social da UEMG, sendo que o material reunido no artigo partiu de uma atividade do projeto.

Na introdução, o autor realiza uma apresentação breve do projeto, as motivações para a construção do texto, expondo os caminhos percorridos.

A metodologia utilizada neste estudo apresenta o Projeto FamiliarTE como iniciativa de inclusão social através da experiência de produção de cultura. Coloca-se como instrumento de análise das manifestações socioculturais enquanto elementos de desenvolvimento humano. Discute criticamente por um lado dados quantitativos relativos à disciplina, frequência e aproveitamento escolar dos adolescentes inseridos no projeto, buscando compreender a contribuição do FamiliarTE durante o período estudado. E por

⁵ Professor com formação em Serviço Social pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG.

outro lado, analisa os dados qualitativos através de depoimentos de pais de alunos, educadores da Escola Irmã Maria de Lourdes no Bairro São Pedro, cidade de Abaeté/MG. (DE SOUZA, 2020. p.1).

Posteriormente, o autor retorna ao ponto de apresentação do projeto, conforme suas palavras:

As atividades desenvolvidas envolvem conteúdos que visam fomentar a formação de uma consciência crítica para o exercício da cidadania. São ofertadas aulas divididas entre conteúdos teóricos e práticos buscando ampliar a percepção musical com a utilização de instrumentos de percussão utilizando materiais recicláveis ou alternativos: velhos baldes de plástico, latas de tinta vazias, cabos de vassouras, pedaços de tubos de PVC, etc. A utilização desses materiais descartáveis aponta o compromisso do trabalho com o desenvolvimento sustentável ao reciclar diversos objetos que geralmente poluem o meio ambiente. Paralelamente, são ministradas aulas de reforço escolar e palestras educativas a partir de temas que cercam o universo dos alunos, sugeridos pelo próprio grupo, construídas a partir de manifestações espontâneas e não fixadas verticalmente segundo proposições externas. São aplicadas brincadeiras didáticas, dinâmicas de grupo, exibição de filmes, etc. Cabe destacar que, as tematizações expressam uma opção teórico-metodológica e ético-política bem definida. (DE SOUZA, 2020. p.2).

O autor destaca que o projeto tem vínculo com uma escola da rede pública de ensino e que sua localização é em área “empobrecida”. O público atendido são adolescentes do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental, sendo perfil das(os) atendidos: que não possuem média escolar, não possuem frequência e/ou possuem comportamentos de “indisciplina”. De forma também breve, relata que o projeto é de baixo custo, se mantém através de parcerias e, nas palavras do autor, “a instituição de ensino/Universidade cede o profissional de Serviço Social e alunos estagiários, e a Escola do bairro como espaço físico, equipamentos didáticos e merenda escolar” (DE SOUZA, 2020. p.2).

A seguir, o autor busca uma demarcação do referencial teórico mais amplo, discorrendo sobre a “dinâmica da vida social”, conforme suas palavras:

Entende-se, portanto, que, somente uma visão materialista histórico-dialética possibilita relacionar propriedades gerais e essenciais para apreensão do todo; reconhecer e compreender o caráter contraditório e histórico dessa realidade e saber que ambos estão em constante transformação, parte da necessidade do conflito e da negação. Só através da concepção dialética de Marx que é possível conduzir a formação de uma consciência crítica, capaz de fornecer fundamentação teórico/metodológica revolucionária necessária para encampar o projeto em questão. (DE SOUZA, 2020. p.3)

Em linhas bem gerais, o autor faz a argumentação que o projeto se “ancora” no arcabouço teórico marxista e que “concordam com a ideia de que a realidade social,

historicamente construída, se constitui a partir da matéria que a fundamenta e formata”. (DE SOUZA, 2020, p. 3). Não realiza o movimento de adentrar e explicar sobre essa “realidade social”.

Seguindo, em contornos genéricos, discorre sobre o sistema capitalista, menciona a obra escrita por Marx “*O Capital*”, para destrinchar de forma breve sobre o processo de exploração “do homem pelo homem”, a “busca interminável por lucro”, “propriedade privada” e “trabalho assalariado”. Menciona que a produção é coletiva, mas o que é produzido se concentra em esferas privadas, o que resulta em duas classes antagônicas: burguesia e proletariado.

Também de forma breve, se aproxima do debate acerca da contradição de classes sociais.

Partindo do princípio de que a história é motivada pela contradição entre as classes sociais, cabe ao proletariado um papel histórico importante, baseado na consciência política e na luta para a construção de um novo modo de produção. E, nesse novo modo de produção proposto por Marx e Engels, seria abolida a exploração do homem pelo homem, consequentemente, a luta de classes e a desigualdade social. (DE SOUZA, 2020. p.4).

Sem entrar mais profundamente sobre os “pontos” levantados, e sem apresentar mais referenciais teóricos propriamente ditos sobre a “arte” nesse percurso, conclui-se essa parte intercalando categorias como “proletariado”, “cidadania”, “identidade cultural”, “elemento popular”, “alienação”, “ideologia burguesa”:

Como rapidamente se pode concluir a partir dessa breve introdução sobre alguns conceitos presentes na corrente de pensamento marxista, o ponto nevrálgico dessa teoria se esbarra na capacidade crítica ou na formação de uma consciência de classe do proletariado. Na investida teórica empreendida pela proposta de intervenção do projeto Familiarte, a luta pela cidadania e a formação da identidade cultural do elemento popular a partir de uma formação crítica e politizada, é compreendida como um instrumento de transformação social, uma vez que busca romper com o processo de alienação imposto pela ideologia burguesa. (DE SOUZA, 2020. p.4).

A seguir, o autor apresenta um resgate do processo histórico do projeto:

Entende-se que o processo cumulativo de avanços e desafios que perpassaram a vivência do projeto Familiarte permeado pelo universo da linguagem e expressões culturais, no trato dos diversos substratos das manifestações da questão social, configura-se como parte fundamental para sua compreensão. O marco inicial do projeto Familiarte pode ser fixado na ocasião da realização do processo estágio curricular obrigatório na graduação em Serviço Social das Faculdades Integradas de Caratinga/MG-FIC no ano de 1997. No ano

seguinte, acontece a primeira apresentação pública com instrumentos feitos pelos próprios adolescentes da comunidade. (DE SOUZA, 2020. p.5).

Em seguida, o autor faz referência a um grupo musical do projeto, onde utilizou-se materiais “alternativos”, “descartados”, para a criação de instrumentos feitos pelas(os) adolescentes vinculadas(os) ao projeto, cujo nome é “Grupo Musical Maria Fumaça”.

O nome Grupo Musical Maria Fumaça faz referência à antiga Estação Ferroviária onde aconteciam os ensaios. Após cinco anos de funcionamento em Caratinga/MG, através de um convite das Faculdades Santo Agostinho, o projeto FamiliarTE é implantado na cidade de Montes Claros, localizada no extremo norte do estado de Minas Gerais. O local escolhido foi o bairro Santo Amaro, na extrema periferia da cidade. Foi firmada uma parceria entre a faculdade e a Associação de moradores local. As atividades foram iniciadas em fevereiro de 2006 na Escola Municipal Zizinha Ribeiro e nesse mesmo ano surgiu o Grupo Musical Tambor&Lata, que em 2008 venceu o 1º concurso de blocos carnavalescos realizado pela Prefeitura Municipal de Montes Claros. Em 2010, é fundado pela comunidade o Instituto Sociocultural e Recreativo Tambor&Lata que mantém várias iniciativas de geração de renda e incorpora uma escola de samba que sobrevive até os dias atuais. (DE SOUZA, 2020. p.5).

Na sequência, o autor faz referência breve à organização do projeto em mais dois lugares, sendo:

A Fundação Vale do Gorutuba - Funvag, localizada entre as cidades de Nova Porteirinha e Janaúba/MG, também em 2010, implantou o Projeto FamiliarTE, que após quatro meses, deu origem ao Grupo Tambores do Gorutuba que se manteve até 2012. (DE SOUZA, 2020. p.5).

No Centro-Oeste mineiro em 2009, o FamiliarTE é implantado no município de São José da Varginha, onde forma o Grupo Batucras. No mesmo ano ocorre uma tentativa frustrada de implantação na cidade de Pará de Minas/MG. Mas, o êxito da experiência seguinte emergiu como objeto da pesquisa em pauta. A chegada do Projeto FamiliarTE em Abaeté/MG, impõe a necessidade de uma reflexão sobre o potencial de impacto de suas atividades sobre a realidade. (DE SOUZA, 2020. p.6).

O autor realiza uma apresentação do município de Abaeté, onde o projeto foi implementado nos anos de 2009 e 2010.

Sobre a metodologia e o resultado da pesquisa realizada junto a adolescentes do projeto, tem-se que:

A coleta de dados foi realizada entre os dias 3 e 25 de novembro de 2011, envolveu 30 (trinta) alunos, contemplando 100% do universo da pesquisa. Os depoimentos foram gravados em aparelho digital, transcritos na íntegra e selecionados de acordo com sua relevância. Os dados apresentados são de

2008, 2009 e 2010, mensurando indicadores de disciplina, frequência e aproveitamento escolar. (DE SOUZA, 2020. p.6).

Sobre a “frequência escolar”, tem-se que:

Em meados de 2009 o Familiarte adotou a frequência escolar como critério de participação dos alunos nas apresentações musicais, medida essa que se mostrou eficaz apontando um aumento de 450% na frequência dos alunos de 2008 para 2010. Ou seja, de 8 alunos reprovados por insuficiência de frequência em 2008 passou-se para 2 em 2010. (DE SOUZA, 2020. p.7).

Sobre “disciplina”, são apresentados relatos de uma estagiária e de uma mãe:

O aumento das infrações de menor gravidade, quase sempre relacionadas a brincadeiras em sala de aula, obviamente podem comprometer a manutenção de um ambiente inadequado ao aprendizado, no entanto, abriga também aspectos positivos conforme se pode constatar nas falas que se seguem [...] penso que o projeto estimula a criatividade e a inserção do adolescente no seu grupo social, isso inevitavelmente acaba também estimulando as brincadeiras em sala de aula. (Estagiária de Serviço Social) O pedagogo da escola reforça esse argumento ao dizer que [...] alguns meninos tímidos que a gente quase não ouvia a voz deles aqui na escola, começaram a se desinibir e a participar mais das coisas depois que entraram pro Abatuke. Percebe-se que, as atividades musicais despertam a criatividade, eleva a auto estima e a confiança contribuindo para a quebra de barreiras entre os adolescentes e o ambiente social da escola, possibilitando novas formas de interação e de expressão desse indivíduo. [...]. Meu filho tinha muita dificuldade na escola, era tímido e mesmo aqui na rua ele nem ligava pros outros meninos da idade dele. Depois que ele entrou pro Abatuke, já se soltou mais, melhorou na escola. (Mãe de aluno atendido pelo projeto Familiarte). (DE SOUZA, 2020. p.7).

Sobre o “aproveitamento escolar”, tem-se que:

30 alunos abaixo da média do aproveitamento escolar em 2008 conseguem aumentar 23.3% de rendimento nos dois anos seguintes ao se integrarem ao projeto Familiarte. Esse aumento, no entanto, leva esses estudantes a alcançarem um percentual de aprovação em torno dos 73%, que ainda fica abaixo da média da escola, que é de 75%. (DE SOUZA, 2020. p.8).

O autor finaliza sinalizando que através do artigo não foi possível chegar a “apresentação” de uma “conclusão objetiva”, mas que alguns resultados podem ser expressivos na vida escolar das(os) adolescentes atendidas(os).

Salvas as necessárias ponderações, avalia-se que é possível empreender ações que possam auxiliar a escola e a família na formação de seus filhos para o exercício de uma cidadania consciente. Os valores éticos e a postura crítica que foram compartilhados entre o grupo tendem a continuar dando resultado no decorrer da vida desses adolescentes. No entanto, não se trata de uma ciência exata e não cabem especulações sobre os frutos desse trabalho em

longo prazo, ao se levar em consideração toda complexidade e dinamismo da vida social. (DE SOUZA, 2020. p.9).

Através da conclusão do artigo nota-se a generalidade em que o trabalho foi construído, sem adentrar de forma forte em categorias fundamentais para discorrer sobre a arte.

Neste momento analisaremos o artigo “*A mediação da arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana*”, da autora Isabel Cristina Chaves Lopes⁶.

A autora chama atenção em seu texto para o “caráter político da arte”, trazendo referências da tradição marxista, recorrendo, por exemplo, a ideias de Gramsci. Assinala a importância dos movimentos sociais junto às “experiências teórico-práticas”. Utiliza como palavras-chave: “mediação”, "Serviço Social" e “emancipação política”. Tem por referência outros autores importantes para o Serviço Social e para a matéria abordada, como, Antunes, Coutinho, Frederico, Yolanda Guerra, Imamoto e Mészáros.

Na introdução, a autora destaca que é importante contextualizar o momento político atual, relacionado ao econômico, ou seja, do capitalismo em crise, para que se possa situar o exercício ético-profissional do Serviço Social, para se buscar estratégias diante dos desafios cotidianos.

Isto porque a este procedimento, que podemos denominar racionalização do trabalho do assistente social, precisa ser incorporada a compreensão do sentido do fazer profissional, da função social desta profissão, ou nos dizeres de Guerra (1995), da sua instrumentalidade dentro do sistema capitalista. (LOPES, 2017. p.62).

A autora faz referência a “dimensões ontológicas e gnosiológicas” da obra de Marx, reforçando que a profissão, apesar de ter surgido para atender a demandas de reprodução do capital, ao fazer esse movimento, situa-se também num campo contraditório de possibilidades, e é nesse âmbito que se inscreve o projeto Ético Político do Serviço Social. Embora seja uma atribuição profissional intervir de forma imediata nas expressões da questão social, a intervenção pode e tem que ir rumo à essência das mesmas.

[...] é o resgate, na ação profissional do assistente social, da centralidade do indivíduo enquanto expressão do ser social, cuja base fundante, a partir da ontologia social de Marx é o trabalho, e que está inserido, em tratando-se de capitalismo, em uma das classes principais em antagonismo nas lutas nele travadas. Tal resgate tem o sentido político de, entre outros, gerar contribuições a formas contra hegemônicas aos efeitos da crise econômica

⁶ Professora do quadro efetivo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Serviço Social pela PUC/SP.

mundial onde “[...] [com] o recuo da organização, da consciência de classe e o desaparecimento do espectro do comunismo, o capital voltou à sua ‘maneira normal’ de maximizar a exploração e lucro” (PETRAS, 2007, p. 243). (LOPES, 2017. p.63).

Lopes atribui ao capitalismo e sua crise desde os anos 1970 como motivo desse modelo de sociedade individualista, de relações sociais contraditórias, resultantes do modo de produção e reprodução, acumulação, mais-valia e capital presentes nesse sistema. Emerge desse sistema a disparidade entre classes, raças, opressões e situações sociais afins.

Com esse modelo capitalista de produzir cada vez mais mercadorias, de concentrar capital, são muitos os rebatimentos e as repercussões negativas para a classe trabalhadora.

A reestruturação da produção nesta fase do capitalismo “[...] compatibiliza mudanças institucionais e organizacionais nas relações de produção e de trabalho, bem como redefinição de papéis dos estados nacionais e das instituições financeiras” (NETTO, 2000, p.97). No que tange ao trabalhador, acarreta prejuízos de diversas ordens, como por exemplo, à sua subjetividade e seu potencial crítico de negação do sistema de exploração ao qual está submetido. (LOPES, 2017. p.65).

No decorrer do artigo, a autora busca demarcar relações entre trabalho, educação, arte e política, considerando possibilidades de exercício profissional crítico, em “[...] construção de possibilidades dirigidas à emancipação humana.” (LOPES, 2017. p.67).

A autora considera que

A incorporação destas reflexões em análises em torno da relação entre emancipação humana e emancipação política no trabalho do Serviço Social, deve partir do princípio de que a aplicação do PEP reclama o exercício do pensamento crítico sobre o significado do exercício profissional e sobre o conhecimento do seu objeto, que são as expressões da questão social. (LOPES, 2017. p.69).

Apresenta “práxis artística” como “dimensão essencial” afirmando que através dela o indivíduo se torna mais humano, perpassando camadas mais sensíveis da vida social. Relaciona essas possibilidades com a educação, buscando demarcar formas de “emancipação de reificação das relações sociais”.

As pessoas possuindo essa consciência podem avançar na direção do domínio de suas próprias histórias, e esse pode ser considerado um papel da(o) assistente social, de instigar o conhecer e reconhecer a si mesmo.

Este reconhecimento expressa uma forma de compromisso ético-político profissional com o qual o assistente social deve orientar-se em sua atuação sobre a realidade social, politizando-a na perspectiva da afirmação, em nível de consciência, da dialética singularidade, particularidade e universalidade, como base ontológica de constituição da diversidade social. E isto pode ser realizado com a mediação de um trabalho articulado à mediação da arte apreendida enquanto cultura. (LOPES, 2017. p.71).

Em considerações sobre a concepção da arte em Marx, faz referência uma citação de Frederico sobre os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, expondo a arte em relação com a humanização dos sentidos, com o trabalho e com processos educativos, “contrapondo o trabalho estranhado”.

A autora afirma que em Marx a estética parte da “[...] ontologia do ser de base materialista, histórica e dialética”. A partir de tais concepções, os sentidos humanos também adquirem valor importante e não somente a teoria, no trato com as questões da realidade. (LOPES, 2017. p.72).

Pode-se considerar que o ponto forte e, de certa forma, polêmico, do argumento da autora vem de uma importante categoria de Gramsci, a categoria da catarse, que o autor italiano emprega nas suas reflexões sobre política. Trata-se de uma categoria que expressa, nesta concepção, o deslocamento do singular e do individual na direção da classe social e do gênero, numa unidade do sensível, do político e do racional, e em sentido mais amplo, do cultural.

Em suas considerações finais, a autora ressalta os seguintes pontos: estética e política em Marx, numa certa unidade, pelas vias da catarse (Gramsci) e da elevação do individual ao genérico, são meios e instrumentos de enfrentamento da alienação no capitalismo; a capacidade do pôr teleológico como meio de criatividade e que é característica fundamental humana, que pode ser considerada “[...] a partir de uma pedagogia vivenciada por intermédio de suas experiências junto a processos de trabalho nas fábricas, nas indústrias, nos escritórios, junto a processos de socialização primárias ou não” (LOPES, 2017. p.73); importância do reconhecimento e de uma atuação crítica de assistentes sociais no âmbito da dialética de essência e fenômeno, na afirmação da ideia de que a arte pode ser uma “mediação” para o trabalho da(o) assistente social.

Também aqui, parece que a instigante e combativa elaboração, no limite, não traz argumentos capazes de demarcar suficientemente uma estrutura categorial do estético.

Partiremos agora para a análise do artigo “*A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social*”, de Jane Cruz Prates⁷.

O texto está estruturado da seguinte forma: a) “arte como forma de expressão da matéria-prima do trabalho do assistente social, na medida em que os sujeitos utilizam diferentes maneiras para exprimir as refrações da questão social nas suas vidas”; b) “uso da arte como instrumento pedagógico, a partir do qual processos sociais reflexivos podem ser mediados, contribuindo para ações organizativas e educativas que caracterizam uma intervenção social emancipatória”. C) “exemplos do uso da arte como instrumento pedagógico”.

Em linhas gerais, a autora destaca que a discussão tomará em consideração a arte como prática pedagógica interventiva, emancipatória, para assistentes sociais e sujeitos que são usuários da Política de Assistência Social e das políticas sociais.

O artigo apresenta como palavras-chave: Arte e trabalho social, instrumentais, ensino, processo de trabalho e estratégias pedagógicas.

A autora inicia indagando sobre o Serviço Social ser uma profissão interventiva e que encara os desafios do cotidiano, emergentes na vida dos sujeitos, da importância de o profissional dessa área estar qualificado para responder a essas demandas cotidianas, traçando estratégias visando uma sociedade emancipada. A autora ressalta a importância do trabalho das/os assistentes sociais articulado ao trabalho de outras profissões.

Isso não significa, em hipótese alguma, que as áreas percam sua identidade ou não tenham suas particularidades, mas sim que reconheçam a unidade dos sujeitos, dos fenômenos, da sociedade, que não podem ser tratados de forma efetiva, a não ser como totalidades, como unidades dialéticas. (PRATES, 2007. p. 222).

Prates argumenta que a articulação de profissões e usuários no processo interventivo leva à efetivação de ações interventivas mais efetivas, e que elas devem ser bem programadas para sua consolidação. A autora ilustra o caso de um morador de rua para destringir sobre essa articulação.

A necessária articulação entre a política de Assistência Social, de Saúde, de Habitação, entre outras, de acordo com cada situação singular, é condição para a efetividade dos processos de reinserção. Parece óbvio, mas o óbvio precisa ser dito, reiterado, reforçado, até mesmo porque historicamente fomos (e ainda

⁷ Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil. Assistente Social, Mestre e Doutora em Serviço Social pela PUCRS, Pesquisadora da Rede Latino-Americana–Laboratório Internacional de Estudos Sociais organizada pela Federação Internacional de Universidades Católicas–FIUC e do Núcleo de Pesquisas sobre Demandas e Políticas Sociais.

somos) fragmentados para atender aos interesses do capital, desde a nossa formação acadêmica. (PRATES, 2007. p. 223).

A autora, antes de introduzir propriamente suas considerações e posições “arte”, bem como das suas relações com o Serviço Social e com o exercício profissional, enfatiza que as “mediações que exercitem a sensibilidade e a criação podem propiciar o desenvolvimento de habilidades necessárias ao exercício de algumas atribuições ou competências que precisam ser solidificadas na formação” (PRATES, 2007. p.223).

Quando a autora passa a considerar e apresentar referenciais teóricos que embasam a sua construção, chama a atenção que ela cita inicialmente Hegel, nos seguintes termos:

Segundo Hegel, a função da arte consiste em tornar a idéia acessível a nossa contemplação mediante uma forma sensível, representação esta que resulta da correspondência entre a idéia e a forma que se fundem e interpenetram (HEGEL, 1974).

Na sequência, ela articula o enunciado acima com posições estabelecidas por Marx, como se vê, nos seguintes termos:

Estas representações refletem valores e concepções que o homem tem sobre o mundo, sobre si próprio, sobre a natureza, expressam seus hábitos, seus costumes; logo expressam a sua subjetividade, conformada, de acordo como a concebe Marx, pelo conjunto de suas relações sociais, históricas, processuais.

Na sequência imediata, a autora introduz uma primeira conceituação sobre arte:

A arte, portanto, expressa valores e concepções históricas, modos de vida, sentidos e significados atribuídos aos fenômenos pelos sujeitos que os vivenciam e interpretam [generidade que não explica o específico do artístico. MGS]. Contudo, se expressa objetivações, expressa também processos de alienação que compõem estas subjetividades [polêmico, confuso. MGS].

Vale notar aqui, nessas articulações das potentes filosofias de Hegel e de Marx, especialmente nessa última citação, que não há uma referência explícita à teoria marxista do reflexo, de modo que corre-se o risco de enfatizar a subjetividade em detrimento da objetividade ou materialidade sensível, social.

É verdade que a categoria “objetivações”, que a autora introduz, remete à teoria do reflexo. E é fato que a categoria da alienação traz a reflexão para formas sociais mais concretas, e capitalistas.

Nesses passos iniciais, a autora tem, sem dúvidas, o mérito de adentrar e apresentar, embora sem espaço para aprofundamento, referências clássicas, pouco lidas no Serviço Social, como os Manuscritos Econômico-filosóficos de Marx. Onde o autor alemão considera, por exemplo, que o homem não “se afirma no mundo” só no pensar, mas também com todos os seus sentidos materiais e sociais. Como se vê na seguinte citação:

Ora, Marx já dizia nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* que o olho que não aprende a ver não enxerga, que para o ouvido não-musical a mais bela música não tem sentido. E ressaltando a importância dos sentidos, destacava que o homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar, mas também com todos os sentidos. No entanto, destaca que o desenvolvimento dos sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias e que “o sentido que é prisioneiro da grosseira necessidade prática tem apenas um sentido limitado” (MARX, 1975).

No andamento das suas reflexões, a autora prossegue buscando conceituar o campo da “arte”, em considerações que buscam tanto seus contornos mais gerais, como também suas formas de expressão no capitalismo. Como pode ser visto na seguinte passagem:

A arte é importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos – através do traço, da cor, do som, dos gestos – sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música, nossas objetivações, em parte histórica e socialmente construídas, em parte histórica e socialmente determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro; mas, por outro lado, reduzimos também o sentido estético, o gozo humano do belo, do bom, do confortável, quando nossa sensibilidade é alienada. Por exemplo, como bem aponta Marx, destacando a miséria e a pobreza da sociedade que tem por base a propriedade privada, o comerciante de minerais não vê sua beleza e peculiaridades senão somente o seu valor comercial, o seu valor de troca. (PRATES, 2007. p. 224).

Cita com teor ontológico sobre as mudanças ocorridas em como os sujeitos podem responder as suas próprias necessidades, no artigo expõe o “matar a fome” e como essa ação sofre alteração com a passagem do tempo e modernização da sociedade, entretanto o extinto do sentir fome se assemelha a de um animal irracional, as alterações implicam na maneira e como matar essa fome.

A nosso ver, a autora, em suas elaborações, transita muito rápida e bruscamente por diferentes níveis de abstração, ao considerar os processos de humanização em sentido histórico-

social amplo e, ao mesmo tempo, em considerações diretas e imediatas sobre o capitalismo e também sobre o Serviço Social.

Em outra direção, um campo de mediações fundamental ao qual a autora se atenta e percorre é o da vida cotidiana. Também aqui vale citar palavras da autora:

Segundo Lukács (apud NETO, 1994), no plano da cotidianidade, o critério da utilidade confunde-se com o da verdade. A vida cotidiana, diz Neto (1994, p. 68) com base em Lukács, não equivale à vida privada, mas à vida equacionada a partir da perspectiva estrita da singularidade, marcada por um materialismo espontâneo e por um tendencial pragmatismo. Destaca o autor (1994, p. 67), sempre conforme Lukács, que as determinações fundamentais da cotidianidade (ou seus componentes ontológico-estruturais) são a heterogeneidade (composição entre linguagem, trabalho, interação, jogo, etc.), a imediaticidade (espontaneísmo, relação direta entre pensamento e ação) e a superficialidade extensiva (soma de fenômenos que compõem a situação sem conectá-los). Segundo Lukács (1966), o imediatismo e a superficialidade do cotidiano são resultados da divisão social do trabalho que fragmenta suas múltiplas determinações encobrindo seu sentido real mais profundo.

Sobre essas bases, a autora vai se aproximando de uma construção teórica que avança na direção do reconhecimento de formas de reflexo e de objetivação distintas das cotidianas, e superiores, como se vê na seguinte passagem:

Para o autor (LUKÁCS apud NETO, 1994), há três modos privilegiados de superação momentânea ou suspensão da homogeneidade cotidiana. São eles: *o trabalho criador, a arte e a ciência*. Estas suspensões permitem que os sujeitos assumam-se como seres humano-genéricos e, neste movimento de consciência e superação, retornem ao cotidiano percebendo-o de forma diferenciada.

Na sequência, a autora faz um movimento na direção da diferenciação do artístico em relação às outras formas de reflexo, nos seguintes termos: “Conforme Lukács (apud NETTO, 1994), a arte é processo de autoconsciência da humanidade, portanto um reflexo antropomorfizador da realidade” (PRATES, 2007. p.226).

Esse movimento pode ser considerado bastante incipiente. E na sequência a autora traz para a sua argumentação autores cujo pensamento e obras são de outra matriz teórica: “Para Marcuse (1978) e Schiller (in Duarte: 1977), a arte desafia o princípio da razão predominante ao representar a ordem da sensualidade (cognição sensitiva), pois invoca a lógica da gratificação contra a da repressão” (PRATES, 2007. p.226). A nosso ver, seria importante a autora trazer mais elementos, e mais profundos e articulados, da própria matriz teórica marxista à qual ela vinha fazendo referência na maior parte da sua argumentação.

Ela desfecha essa parte mais teórica da argumentação afirmando, com Marcuse, numa crítica ao capitalismo, “onde o trabalho é reduzido a emprego, onde a produção de valores de troca se sobrepõe aos valores de uso, a socialização de uma lógica que privilegie a gratificação em detrimento de uma razão tecnicista submissa aos valores do capital e, portanto, repressora” (PRATES, 2007. p.226), que “é preciso uma transformação nas relações materiais de existência, no modo de vida (entendido como sentido atribuído pelos sujeitos ao seu viver histórico), na forma de trabalho e prazer” (PRATES, 2007. p.227).

Na parte final do seu artigo, a autora passa a considerar experiências, possibilidades e potencialidades nas relações e intersecções entre Serviço Social e arte, tratando, em termos mais precisos, dos “instrumentos oferecidos pela arte e a arte em si como matéria-prima para o Serviço Social” (PRATES, 2007. p.227).

Para demarcar como a autora pensa e articula Serviço Social e arte, vale trazer a seguinte citação:

O Serviço Social, para desvendar as refrações da questão social, de seu objeto, precisa decifrá-las a partir do acesso às múltiplas fontes onde ela se expressa – na sala de aula, no espaço da instituição, no movimento social e comunitário, na vida da comunidade, na casa dos usuários, nos textos dos jornais, nos documentos institucionais, nas poesias, nas peças de teatro, nos filmes, nas letras de música, na literatura, na fala, no silêncio e demais expressões dos sujeitos. A expressão dos sujeitos através da arte é importante material para a análise do Serviço Social, pois este desvendamento (e ressalte-se: histórico e processual) é condição para planejarmos estratégias de intervenção. A leitura dessas expressões, no entanto, não pode ser descontextualizada, pois é localizada histórica, social, geográfica e ideologicamente. (PRATES, 2007. p. 227).

Analisando esta passagem, não obstante a importância das reflexões da autora, uma observação crítica principal pode ser feita: assim como nas elaborações anteriores, de fundo mais teórico, também agora a autora não apreende um conjunto mais amplo de elementos capazes de demarcar a peculiaridade e a potência do especificamente estético e artístico.

É preciso enfatizar a importância das preocupações e dos relatos que a autora traz de experiência e conexões concretas entre arte e Serviço Social. A partir daí, há articulações bastante interessantes, como se vê na seguinte passagem:

O uso da prosa, da poesia (e aqui incluímos também as letras de música analisadas em sala de aula ou com grupos de usuários) para mediar o desvendamento de processos de alienação, as contradições cotidianas, os sentimentos dos sujeitos, estigmas, intolerâncias e outras expressões da questão social, também tem se mostrado bastante efetivo como instrumento

pedagógico. (PRATES, 2007. p. 229).

Caminhando para o desfecho da análise do artigo, cabe destacar que a autora faz algumas incursões instigantes sobre expressões e obras artísticas, quando se alcança, por exemplo, por essas vias, a categoria da particularidade, na seguinte reflexão:

A expressão profunda e sofrida da desigualdade e da alienação é magistralmente descrita por Graciliano Ramos através da vivência e no modo de apreendê-la pelo personagem da ficção, muito próxima da realidade de tantos outros Fabianos, sujeitos de “carne e osso”, que sofrem com a seca e a expulsão de seus locais de origem. Certamente, uma obra que expressa a sensibilidade do autor no movimento de apreensão de algumas das mazelas vividas pelo povo de seu país, num dado contexto histórico-social, portanto, passível de mediação com a matéria-prima do trabalho social. (PRATES, 2007. p. 231).

Prates, ilustra e defende o uso de filmes, músicas, fotos e afins como forma de reflexo da realidade, como possíveis mediações e estratégias profissionais para desvelar a realidade da vida cotidiana da(o) usuário atendida(o) e de certa forma, dos sujeitos como um todo, por se tratarem e apresentarem sentimentos subjetivos do ser. Relata experiências profissionais sendo a primeira:

Em uma experiência profissional, na condição de assistente social supervisora de unidades operacionais da FASC/PMPA, realizamos algumas intervenções junto a uma unidade, propondo a dramatização de um dia de trabalho, a partir da troca de papéis entre os técnicos e demais funcionários. Os mesmos deveriam representar-se através da dramatização nas suas inter-relações e nas relações com os usuários, também por eles representados, de modo que externas sem a leitura que faziam uns dos outros se esses sentidos pudessem ser trabalhados, com e pelo grupo. Ressalte-se que a escolha da estratégia pautou-se em diagnóstico realizado com base na avaliação da dinâmica grupal. (PRATES, 2007. p. 228).

Sendo a segunda:

Numa experiência de trabalho com um grupo de adolescentes por nós realizada em uma vila periférica de Porto Alegre (cuja demanda dos jovens, entre outras, era problematizar as dificuldades que tinham em relacionar-se com os pais), utilizamos o teatro experimental como instrumento e, a partir do congelamento de cenas e de sua problematização e da criação de novas cenas sugeridas pelo grupo como alternativas diversas de conduzir as situações explicitadas, o grupo progressivamente foi ampliando sua capacidade de leitura da realidade e capacitando-se para o seu enfrentamento. A avaliação e a contextualização das situações explicitadas para instigar o alongamento do olhar dos jovens, mediando situações singulares com questões mais amplas, comuns ao cotidiano de muitos dos elementos do grupo, constituiu-se em

mediação fundamental para ampliar as leituras reducionistas, reduzindo sentimentos de revolta e culpabilização individual dos sujeitos. (PRATES, 2007. p. 228).

Sendo a terceira:

Em outra experiência de trabalho por nós realizada junto a um adolescente hospitalizado com quadro de leucemia, que exigia o isolamento, nos deparamos com um jovem tímido, oriundo do meio rural, que não se comunicava com a equipe. A mediação realizada a partir do desenho e a vida a ele atribuída pelo menino, que explicitava alguns elementos de seu cotidiano, possibilitou o início de um canal de comunicação pautado na valorização do que Paulo Freire chama de “o saber feito”, ou a experiência social dos sujeitos, na medida em que partimos do que para ele fazia sentido, a fim de acessarmos o seu mundo e estabelecermos o vínculo. (PRATES, 2007. p. 228).

E por fim:

Em uma oficina que tinha por objetivo realizar a capacitação de entrevistadores para a coleta direta junto a moradores de rua adultos, a técnica utilizada foi a dramatização. Um grupo de alunos representou os entrevistados e uma dupla encenou o processo de abordagem. Utilizando a estratégia de congelamento de cenas, questionamos o subgrupo que representava os entrevistados sobre os seus sentimentos quanto ao processo. (PRATES, 2007. p. 229).

Essas intervenções resultam que o uso do desenho feito pela usuária(o) pode ser analisado como forma interpretativa de sua realidade, estratégias pedagógicas de dramatizações podem surtir efeitos positivos como um instrumento profissional, prosa e poesia podem através da escrita revelar sentimentos, descrever a realidade dos sujeitos. Prates menciona como a música foi importante durante o período ditatorial denunciando e externalizando sentimentos o uso da força do Estado vistos como “desajustados” aos moldes conservadores do período.

Finaliza ressaltando a importância que as(os) profissionais devem utilizar do leque de estratégias no cotidiano profissional, fazendo articulação “da razão e sensibilidade” visando um projeto societário emancipador, justo e igualitário e que os sentimentos dos sujeitos podem se materializar através de demonstrações de sua arte e podem ser usadas como “estratégia pedagógica e demonstração” sendo mais uma alternativa no intervir profissional.

Recapitulando, em termo críticos, pode-se ressaltar: (i) os relatos de experiências de uma profissional que está no campo crítico, (ii) a insuficiência da sua elaboração teórica, na medida em que sua construção não traz as categorias específicas do estético, embora, por vezes, as tateie.

A dissertação de Bianca Nogueira Mattos⁸, intitulada “*O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade.*” parece carecer de uma entrada mais profunda, mais sistemática e consistente pelos fundamentos sócio-materiais e históricos que permitem situar o Serviço Social desde as contradições do capitalismo monopolista, as expressões da questão social, bem como de suas particularidades na particularidade brasileira.

Além disso, as principais categorias trazidas pela autora são tratadas por bibliografia secundária, a partir de intérpretes e comentadores. O que pode estar ligado a pouca precisão conceitual: já nas primeiras palavras da introdução, por exemplo, quando aparece a categoria ou complexo categorial “ontologia”, a referência explicativa colocada em nota de rodapé é vaga e imprecisa. O que parece também indicar certo ecletismo na estruturação do texto.

Não nos deteremos numa análise mais detalhada das elaborações da autora mais diretamente ligadas à análise do Serviço Social, nem nos voltaremos mais detidamente sobre a pesquisa empírica realizada. Para os fins principais da nossa investigação, será suficiente uma análise mais detida das elaborações da autora sobre os tópicos 2.2 e 2.3 da dissertação de mestrado, que tratam, respectivamente, da “mediação e o Serviço Social”, e da “arte enquanto categoria ontológica de mediação”.

A leitura de ambos os tópicos mostra que a autora transita muito rapidamente por diferentes níveis de abstração e por muitos e distintos temas, sem alcançar uma argumentação mais bem estabelecida e amarrada, de modo que os resultados obtidos não favorecem reflexões na direção da estrutura categorial própria do estético e do artístico, como se vê nos seguintes trechos:

Portanto, entende-se a validade da arte, enquanto produto da atividade humana e da centralidade no trabalho e no materialismo, para a transformação do ser social, considerando que os homens são atores de sua história, e que o processo ontológico e as legalidades das características dos homens e seus valores são também históricas, mas sem desconsiderar as determinações da realidade em sua totalidade. (MATTOS, 2015.p.94.)

Num tipo de procedimento de caráter eclético, a autora articula e mescla Lukács e Chauí:

⁸ Mestra em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista, Unesp. Pós-graduada em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade, pela Universidade Federal de Itajubá. Especialista em Gestão em Serviço Social pela Universidade Católica Dom Bosco. Especialista em Serviço Social em Saúde Coletiva pela Universidade Anhanguera. Graduada em Serviço Social pela UNESP - Franca. Assistente Social Judiciária no Tribunal de Justiça do Estado de SP. Experiência com docência e no SUAS. Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do;jsessionid=7172EB977337B993F4E2F1025F4CA506.buscatextual_0

Chauí (2004, p. 8) confirma essa relativa autonomia e independência quando diz que “[...] a obra de arte se dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, dito, sentido ou pensado.” Isso já nos leva também para a reflexão de que a arte, diferencia-se da vida cotidiana e da ciência. (MATTOS, 2015.p.95)

O que ocorre também na seguinte passagem:

Pensamos assim, aqui, na arte a possibilidade de contribuição no processo de elevação desse gênero humano. Chauí (2004, p. 7) define a arte como “um vir a ser”, a busca por um novo, a negação do atual aparente para a sua transformação e criação do novo e a obra de arte nos revela “Que a história é o movimento incessante no qual o presente, retoma o passado e abre o futuro.” (CHAUÍ, 2004, p. 20). (MATTOS, 2015.p.98-99).

Vale citar um dos pontos de chegada das reflexões da autora, onde fica claro também que a aproximação à ideia forte de mediação se mantém num nível de generalidade que não diferencia as formas de mediação que são próprias, por exemplo, da ciência, da filosofia e da política, e as que formas que são próprias do estético e do artístico:

A arte, assim, possibilita que o ser social ultrapasse o imediato, alcançando o concreto pensado, sendo assim uma categoria de mediação e permitindo o desvelamento da realidade social por parte dos sujeitos. (MATTOS, 2015. p.104)

Passando agora à monografia de conclusão de curso de Giovanna Teixeira Borri⁹, intitulada “*Da Indústria Cultural à Contracultura: a Música na Formação/Intervenção do Serviço Social*”, vale ressaltar que a ênfase da abordagem da pesquisa está na categoria “cultura”, abordada a partir de referenciais marxistas, onde Gramsci é um dos autores principais, além de outros importantes autores marxistas do Serviço Social brasileiro.

Na estrutura da construção do trabalho, bem como na argumentação desenvolvida, chama a atenção o fato de que a música, apesar de ser um dos objetos principais do interesse da investigação, como se mostra inclusive pela pesquisa de campo realizada, não é tratada em termos mais precisos, como uma expressão artística. Ou seja, também aqui, numa pesquisa bem

⁹ Possui graduação em Serviço Social (2013) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8707687527952337>

estruturada, não se encontram elementos mais elaborados sobre uma estrutura peculiar do estético e do artístico em sentido forte. Como se vê na seguinte elaboração, mais direta e conclusiva, a esse respeito:

“A música, como pudemos ver ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, é um importante meio cultural que se faz presente cotidianamente na vida das pessoas de diversas maneiras. A cada mudança de contexto ela ganha um novo tipo de significado, tendo que ser remodelada. Aqui é ressaltada a função social, política e interventiva que esse meio de expressão promove, sendo direcionado ao papel que exerce na vida dos jovens e a possibilidade de utilizá-la como intervenção profissional dos Assistentes Sociais”. (BORRI, 2013. p.129).

Passamos agora a analisar a monografia intitulada "*A instrumentalidade do Serviço Social: a arte como intervenção social emancipatória e instrumento inovador para o trabalho da(o) assistente social*" é de autoria da Priscilla Rodrigues de Oliveira.

A autora inicia sua construção discorrendo sobre a arte e sua função social. Entra de forma breve numa discussão acerca do contexto histórico da arte, como ela foi se alterando de acordo com os processos e sistema vigente no decorrer do tempo.

É de fundamental importância, para o Serviço Social, desvendar os modos de reproduzir-se do ser social para, assim, conhecer as expressões do seu cotidiano. Dentro desse processo, a arte é uma forma bastante expressiva pois pode se apresentar como música, pintura, cinema, teatro, poesia (etc.), e tem uma relação direta entre pensamento e ação, sendo um processo social e comunicacional. Segundo Bosi (1985), a palavra latina *ars*, matriz do português arte, está na raiz do verbo articular, que denota a ação de fazer juntas as partes de um todo.1. (DE OLIVEIRA, 2011. p.11).

Como se vê, a autora vai buscando firmar o conceito de arte a partir de referências distintas e diversas.

Através do livro de Fischer (1973), *A Necessidade da Arte*, afirma que a arte é presente na sociedade desde sempre, “ora associada à magia, à religião, à necessidade ou à política, ela é uma linguagem sem fronteiras que “transcende as transformações históricas e as diferenças culturais” (Canclini, 1984: 8 apud. De Oliveira, 2011)

A autora menciona que muitos tratam a “arte pela arte” sem fazer esse resgate histórico.

Traz a seguinte citação de Lukács (1968: 256) :

“A tarefa exclusiva da arte é a de tomar posição nas lutas do tempo, da sociedade, das classes sociais; de favorecer a vitória social de uma

determinada tendência, a solução de um problema social. Tudo que ultrapasse essa finalidade já pertence à 'arte pela arte', à retirada para a 'torre de marfim', etc., e deve ser – como tal - incondicionalmente rejeitado.”

A partir dessa comparação, traz também outros autores como Tchernishevski, Platão e Fischer. Para estabelecer que a arte realmente está presente desde sempre na sociedade e possui uma forte intervenção como função social desde XVIII.

É possível afirmar que “a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade” (Fischer, 1973:14). Cada povo, cada civilização teve a arte como parte integrante de sua vida, porém, sua função social foi se transformando e adquirindo novas faces em cada tempo da história. (DE OLIVEIRA, 2011. p.13).

Prosseguindo a autora apresenta a arte no sistema capitalista, realiza um resgate histórico partindo da Idade Média como um marco para mudança da função social da arte, destaca a Igreja como precursora das aquisições das obras de arte e que posteriormente a burguesia também passou a ter acesso.

Peixoto (2003, p. 7) relata que “no período do Renascimento, a expansão do grande comércio para além mar e a fundação das colônias, ao mesmo tempo em que caracterizaram o início da acumulação do capital, ensejaram a apropriação colonialista de objetos desconhecidos para a cultura europeia e geraram um acúmulo desses objetos nas metrópoles”. Nesse contexto, quando os objetos eram retirados do seu lugar de origem perdiam toda a sua função e o seu valor de uso. A importância cultural daquele objeto se descaracterizava e o seu sentido ficava mascarado transformando-se, assim, em mero valor de troca e passando a ser uma mercadoria sujeita às leis do mercado. O capitalismo transformou tudo em mercadoria e, com o dinheiro, todas as diferenças qualitativas das mesmas desapareceram. (DE OLIVEIRA, 2011. p.13).

De Oliveira, afirma que no capitalismo a arte ficou ainda mais restrita e apartada das camadas populares, e acabou perdendo um “sentido” em relação à liberdade expressão. Pois,

Passou-se a exigir um maior preparo intelectual para a sua compreensão e, por não fazer parte deste círculo e pelo fato de não serem compradores, o grande público ficou cada vez mais excluído dos espaços destinados à arte. Na Idade Moderna, com a consolidação da sociedade de classes, ampliou-se o distanciamento entre arte e público. É também aí que o novo modo de produção, ao se consolidar, deu origem a uma ideologia liberal pautada na defesa da propriedade privada visando apenas o acúmulo de riqueza. (DE OLIVEIRA, 2011. p.14).

A autora se posiciona criticamente em relação ao capitalismo, como um sistema que regula todas as ações e pensamentos de seres sociais, controlando a sua particularidade, subjetividade, liberdade e afins, para concentrar toda e qualquer ação do ser social a fim da produção e reprodução do capital.

Ela considera também a dimensão da “arte como reflexo e contestação das classes sociais no Brasil” (DE OLIVEIRA, 2011. p.17), “a questão da cultura e dos movimentos sociais” (DE OLIVEIRA, 2011. p.17), quando discorre sobre a arte popular como uma potente forma de provocar as massas populares para uma visão crítica do capitalismo. Conforme comentários da autora:

O capitalismo destruiu todas as relações diretas entre produtor e consumidor e lançou os produtos num mercado anônimo. Como bem nos afirmam Marx e Engels (1998), no Manifesto do Partido Comunista, “A burguesia despiu da sua auréola sagrada todas as atividades até então veneráveis e reputadas como dignas. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência em trabalhadores assalariados pagos por ela.” Assim, a arte também se tornou mercadoria e o artista, produtor de mercadorias. (DE OLIVEIRA, 2011. p.14).

Assim, na sociedade (capitalista) é preciso que a realidade social seja exposta e jogada à luz de todas as formas para que a alienação se esgote. A obra de arte deve causar nas massas, e em todas as classes sociais, um sentimento de aproximação que possibilite uma identificação e instigue ações e decisões. Mesmo que a arte não seja tão eficaz enquanto um instrumento decisivo para a transformação de um regime social injusto, ela é um caminho para apoiar movimentos nesse sentido e que busquem resgatar a verdadeira função social da arte que é a emancipação dos sujeitos. (DE OLIVEIRA, 2011. p.17).

Avançando na análise do texto, chegamos ao ponto em que a autora trata da arte e sua relação com o Serviço Social, também aqui, percorrendo movimentos de forma genérica.

Não ocorre um aprofundamento nas reflexões sobre a arte a partir de bases, teses e argumentos teóricos mais extensos. Restando indicações mais abrangentes, menos precisas, sobre as relações entre arte e educação, arte e cultura, arte e instrumentalidade do trabalho profissional de assistentes sociais, arte e Projeto ético-político do Serviço Social etc. Sem referências a categorias específicas do estético.

Por fim, a autora apresenta pesquisa empírica sobre “análise da produção bibliográfica do Serviço Social produzida nos congressos e encontros da categoria sobre a relação Serviço Social, arte e cultura” (DE OLIVEIRA, 2011. p.48). A autora esclarece que

A pesquisa tem como objeto teórico a instrumentalidade do Serviço Social, tendo como foco a arte enquanto mediação e instrumento inovador para a

prática profissional. A pesquisa se desenvolveu em duas fases: na primeira foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental buscando mapear o estado da produção teórica sobre a relação Serviço Social e arte (tomando a mesma como um possível instrumento de trabalho para o Serviço Social) em artigos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado; a segunda fase é compreendida pela análise dos dados, que teve como campo empírico três CBAS (2001, 2007 e 2010) e os quatro últimos ENPESS (de 2004 a 2010). A escolha pela análise da produção teórica e bibliográfica, apresentada nos encontros de Assistentes Sociais e Pesquisadores se deu pelo fato destes serem um importante espaço de socialização de conhecimento e produção científica, representando o que vem sendo discutido atualmente na categoria em âmbito nacional e em diversas Universidades. A análise dos dados foi feita buscando-se conhecer o conteúdo analisado afim de se comprovar a hipótese levantada pelo presente trabalho. (DE OLIVEIRA, 2011. p.48).

Entre suas conclusões, consta que

Ao final da análise foram identificados um total de 163 trabalhos que estavam inseridos no eixo temático Serviço Social, Arte e Cultura. Em pesquisa efetuada junto aos anais publicizados pelos espaços de socialização do conhecimento no serviço social – Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais (CBAS) e Encontros Nacionais de Pesquisa em Serviço social (ENPESS) – constatou-se que desse total apenas 32 abordavam a questão da arte e da cultura como instrumento de trabalho para o Serviço Social. Constatou-se ademais que, quando comparamos o total de trabalhos dos CBAS com os ENPESS ao longo dos eventos, verificamos que em todos os Congressos analisados, ainda que em pequena quantidade, aparecem trabalhos sobre a temática enquanto que nos Encontros, somente nas duas últimas edições houve um crescente número de artigos. Contudo, em apenas dois ENPESS, foram somados 17 trabalhos em contrapartida de 15, durante 3 CBAS. Assim, podemos notar que há uma igual preocupação na categoria profissional em exercício efetivo da profissão, no que diz respeito à divulgação e socialização desta produção, e na realização de pesquisas, pois o número de trabalhos mostrou-se quase o mesmo. Podemos ainda constatar que nos últimos anos (2007 a 2010) houve um aumento de produções relacionadas à temática, o que demonstra aproximação e interesse, mesmo que lento, da categoria à arte. Todos os trabalhos analisados trazem importantes contribuições no que diz respeito a intervenções criativas para o Serviço Social, contribuindo não só para a potencialização da consciência crítica dos sujeitos mas também dos próprios profissionais, permitindo repensar sua prática. (DE OLIVEIRA, 2011. p.56).

Na análise qualitativa da pesquisa, analisando 32 artigos voltados especificamente à temática da arte e da cultura em suas interações com o exercício profissional de assistentes sociais, DE OLIVEIRA (2011) agrupou o material em 8 “grandes categorias”, sendo elas: i) “emancipação social e política”; ii) “consciência crítica e compreensão da realidade”; iii) “socialização”; iv) “questão social”; v) “instrumento de trabalho”; vi) “cidadania”; vii) “projeto profissional”; viii) “prática pedagógica”.

Essa sistematização e categorização parece ser um importante documento do caráter geral das abordagens, quer dizer, da falta de pesquisas mais voltadas às categorias específicas do estético.

Agora o artigo analisado será “*O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social*, da autora Débora Guimarães da Conceição¹⁰”.

A autora ressalta como a arte pode ser utilizada de forma potente por assistentes sociais ligada às práticas pedagógicas, sendo um arranque emancipador provocando sujeitos, nas palavras da autora, “questionadores da realidade social” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.50). Seu referencial teórico é ancorado principalmente na teoria social e nas categorias de Gramsci.

A seguir, a autora discute “educação e luta pela hegemonia” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.52), ressalta que a educação é uma prática social de interesses pertencente à superestrutura. “A educação”, para Gramsci, tem um caráter político”, nas relações contraditórias de poder, hegemonia, dominação e direção de classe. A educação por também pode atuar para superar o senso comum e ser um caminho emancipador de senso crítico que faz questionar as contradições da sociedade.

Por seu caráter político, a educação não é neutra. Na sociedade capitalista, ela pode tanto aderir à ideologia vigente, dissimulando as contradições – caracterizada pela transferência de conhecimentos e valores de uma classe para outra, por meio de diversos aparelhos, com o intuito de ajustar as classes dominadas aos interesses da dominante, como também pode buscar superar e desmascarar tal ideologia por meio da resistência à educação dominante, gerando conhecimentos e valores que lhe são próprios. Pode ser responsável pelo aparecimento de uma nova ordem intelectual e moral, que superando o senso comum, possibilite o questionamento e o desenvolvimento de forças para a transformação e superação das contradições da sociedade. (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.52)

Ressalta sobre a “postura histórica” assumida pelos profissionais do Serviço Social, que todo esse caminho percorrido desde sua renovação crítica potencializa lutas por um outro tipo de sociedade; essa concepção é atravessada pelas intervenções da(o) assistente social no cotidiano profissional, inovando em suas abordagens diante das expressões da questão social, das disputas por direitos etc.

A ação educativa do Serviço Social, quando pensada numa perspectiva que desmistifique a ideologia dominante e resgate e sistematize o potencial existente no cotidiano das classes trabalhadoras por meio da crítica ao senso

¹⁰ Graduada em Serviço Social pelo Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI), o artigo foi publicado em Serviço Social em revista no ano de 2010.

comum, torna-se um novo caminho a ser percorrido na busca pela superação e transformação. (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.57)

Conceição, coloca a arte também nesse lugar de, em suas palavras: “superação da ordem e das relações de exploração vigentes” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.57). Então relaciona a arte a educação e às práticas pedagógicas, como ferramentas de romper com essa lógica de concentração de poder imposta pelas classes dominantes e que para as(os) profissionais do Serviço Social, alinhados a esses mesmos objetivos, possam atuar na direção do fortalecimento desse horizonte de emancipação, mediante práticas interventivas, desde o cotidiano, logo, é preciso ser um(a) profissional crítico e criativo.

A autora adentra o debate da “dimensão pedagógica da arte na intervenção do assistente social” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.57). Vale aqui registrar que ela entende que

O uso da arte no Serviço Social deve ser condizente com os objetivos profissionais, ou seja, requer a utilização de uma arte que vise a superação da ordem e das relações de exploração vigentes. Assim, os objetivos profissionais do assistente social, quando voltados para a emancipação dos sujeitos e somados ao potencial educativo da arte, buscam colaborar para a construção de uma nova e superior hegemonia, para a formação de homens mais críticos e conscientes. (DA CONCEIÇÃO, 2010. P.57).

Ela passa então a apresentar suas referências e entendimento sobre a natureza e a função da arte na sociedade. Ela faz referência inicialmente Fisher:

O surgimento da arte está ligado à função religiosa e ocorre num momento em que se difundiam arte, ciência e religião, funcionando como auxílio à dominação de um mundo inexplorado. De acordo com Fisher (1987), a função original da arte em muito se diferencia da função da arte em uma sociedade em que a luta de classes se aguça, pois estas recrutam a arte a serviço de seus interesses particulares. (DA CONCEIÇÃO, 2010. P.58).

Na sequência, ela traz indiretamente referência a Marx, afirmando que

a arte é qualificada como uma das formas de consciência social (MARX apud PEIXOTO, 2003), ou seja, o teórico compreende que é também através da arte que os homens tomam consciência das transformações da base econômica e das alterações que eles promovem na superestrutura da sociedade. A arte não se coloca acima das relações sociais. Ela é inerente a essas relações. É um componente da superestrutura que pode contribuir para distintas funções e utilidades, conforme a interpretação e a posição do artista. (DA CONCEIÇÃO, 2010. P.58).

A autora relaciona arte e educação, recorrendo novamente a Fischer, nos seguintes termos:

Nota-se, aqui, a relação da arte com a educação: que carregada de uma determinada ideologia, a arte pode tanto servir à manutenção da hegemonia dominante, como pode ter por função a libertação e a transformação do homem. Para Fisher (1987), a arte pode levar o sujeito a compreender a realidade e transformá-la, pois tem como possibilidade tirar o homem de um estado de fragmentação, conseqüente da divisão do trabalho no modo de produção capitalista e que causa a alienação do homem no/pelo trabalho. Entende-se que a arte pode servir a esse homem como meio de "libertação", como meio de pensar com mais criticidade, sua própria existência, podendo auxiliar o desvendamento da alienação que sofremos no cotidiano de nossa realidade social. (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.58).

Reforçando todo o movimento de construção de sua obra, ela sustenta a argumentação de que arte e educação podem ser emancipadoras e um caminho para um novo horizonte societário, como também podem ser “ferramentas” de dominação de uma classe já privilegiada sobre a outra.

O artista pode ser um perturbador da ordem estabelecida, à medida que expõe por meio de suas obras, suas reflexões e suas ideologias, assim como quando consegue expor por meio da arte os sentimentos confusos da massa em relação ao momento em que vive. Já os indivíduos podem, no ato de presenciar o novo, aprender uma nova visão de mundo³. Entende Lukács (apud PEIXOTO, 2003) em sua concepção da arte como reflexo da realidade, que esta não deve representar um mecânico espelhamento do real, mas sim captar sua essência com a intenção de possibilitar sua apreensão pela consciência, pois esse processo pode ampliar a consciência dos indivíduos, ao se depararem com uma realidade inusitada e simultaneamente ampliar-lhes a autoconsciência ao observarem a si mesmos e ao refletirem sobre seu modo de pensar e agir. (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.59).

A autora considera que no sistema capitalista se dá uma “[...] ruptura entre o trabalho como criação e o trabalho como produto dos produtores.” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.59). E desta ruptura são desdobrados três pontos no artigo:

a “arte elitista”, que essencialmente propõe-se como atemporal e pura, expressão do sentir e de emoções pessoais, fruto da genialidade do autor; a “arte para as massas”, uma arte que padroniza gostos e submete as diferenças a um padrão e a um público médio, caracterizada como indústria cultural; e a “arte popular”, que põe sua tônica no consumo não mercantil, cujo valor essencial é a representação e satisfação solidária de desejos coletivos. (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.60).

Apresenta uma interessante entrevista realizada por Silva (2000) com assistentes sociais, sobre como enxergam a arte como potencializadora em intervenções profissionais, abaixo seguem os pontos levantados:

- A arte vista como instrumento capaz de trazer estímulo ao potencial criativo e crítico do ser humano, como requalificadora de valores, como criadora de novas formas de vida e de realidades;
- A necessidade da criação de trabalhos ou projetos capazes de propiciar o acesso da população às diversas formas de arte, democratizando esse acesso, principalmente às camadas menos favorecidas desse direito, das quais faz parte a maioria dos usuários dos serviços sociais e/ou assistenciais deste país;
- O papel da arte enquanto força que se contrapõe à desumanização, enquanto força em oposição à massificação dos homens;
- A importância do estímulo do potencial criativo do próprio Serviço Social que caminha rumo à elaboração de ações ou intervenções mais criativas;
- A relevância de se criar, através do trabalho cotidiano do assistente social, oportunidades que possibilitem o afloramento do potencial criativo dos usuários.
- A arte como meio de operacionalização do acesso e da ampliação dos direitos do cidadão. (DA CONCEIÇÃO, 2010. P62).

A autora expõe ainda o Código de Ética do Serviço Social como instrumento profissional alinhado rumo a uma sociedade livre de dominações garantindo “direitos civis, sociais e políticos” (DA CONCEIÇÃO, 2010. p.62).

Faz um desfecho apresentando o cinema como um meio a ser utilizado pelas(os) profissionais, em que as imagens apresentadas podem expor pontos da própria vida cotidiana para as pessoas e as mesmas podem se enxergar naquela reprodução do roteiro diante do que se é colocado em foco de uma obra cinematográfica, sendo mais uma ferramenta para instigar o lado analítico e crítico da própria realidade. Para ela, o cinema pode ser usado estrategicamente também pelas produções atreladas ao capitalismo, como forma de alienação, aquém de uma apresentação crítica. Por outro lado, vislumbra ainda o uso do cinema como uma opção apenas de lazer, valorização de obras internacionais, acesso mais restringido ao mundo burguês por levar “divertimento” e anulando o viés de “função social”.

Em suas considerações finais, a autora reforça a importância da correlação da educação com a arte como forma interventiva. Afirma que a arte pode ser uma importante ferramenta no cotidiano profissional, principalmente estimulando uma sociedade mais crítica e questionadora da sua própria realidade e dela como um todo. Ressalta como a arte pode ser incorporada à prática profissional, entretanto, reconhece os desafios do cotidiano profissional para que expressões artísticas possam ser usadas como estratégia de ferramenta profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se notar a partir do material construído na presente monografia, entre as várias expressões artísticas existentes, nos trabalhos que aqui foram analisados, destacaram-se, nas intersecções com o Serviço Social, a música, com ênfase ao rap, e o cinema.

As atividades e práxis artísticas são entendidas pela maior parte das(os) autoras(es) como educativas, socioeducativas e pedagógicas.

Fica explícito o esforço da maioria das produções para abordar o tema tomando por referência a tradição cultural marxista.

Destaca-se que está presente com frequência considerável nos trabalhos os temas “instrumentalidade” e da “mediação”, onde não se encontram reflexões mais desenvolvidas, mais precisas, sobre a relação entre essas categorias, a peculiaridade do estético e do artístico e o Serviço Social.

Alguns textos apresentaram abordagens em aproximação à ontologia do ser social e a estética marxista, a partir de referências diversas da obra de Lukács.

Em relação a temas e categorias importantes para a teoria social crítica do século XX, foi possível identificar os temas da indústria cultural, do consumo de massas, e da contracultura.

Em aproximação à função social da arte, destacam-se algumas abordagens críticas da categoria da alienação, bem como a tematização da superação da alienação. Também aparecem os temas da consciência crítica e da emancipação (política e humana).

Destacam-se também entradas e aproximações às categorias, ao pensamento e à obra de A. Gramsci, tais como “hegemonia”, “criação de consenso”, catarse, arte e política, ideologia, cultura, política cultural.

Outro traço característico da maior parte das produções é o seu caráter eclético, sendo muitas vezes tomados referenciais e matrizes teóricas contrastantes, contraditórias, vindas de universos teóricos distintos e diversos, como se vê nos casos de elaborações que misturam marxismo com fenomenologia, ou com funcionalismo, ou nos casos em que são desconsideradas divergências internas no âmbito do próprio marxismo.

Nos trabalhos que consistiram em apresentar intervenções profissionais usando a arte como um instrumento, as intersecções mais frequentes são com as políticas públicas de Assistência Social, Educação e Saúde.

Em alguns trabalhos foi possível notar posições onde arte e ciência não se diferenciam, porém ambas contribuem para o desvelamento para além da aparência das coisas, dos processos e de suas mediações.

Parte significativa dos textos defende a necessidade de mais estudos, pesquisas e produções bibliográficas do Serviço Social sobre a temática “arte e cultura”, reconhecendo que mais trabalhos práticos e teóricos nesse campo podem potencializar a práxis e o projeto profissional das/os assistentes sociais brasileiras/os.

Constata-se uma insuficiência e uma imprecisão predominantes nas produções analisadas, na abordagem da estrutura peculiar do estético e do artístico, da sua natureza e sua função social. Nota-se uma carência nas pesquisas de discussões e relações com as categorias específicas do estético. O que não favorece uma interação mais potente entre arte e Serviço Social, entre reflexões e práxis artísticas e trabalho profissional das/os assistentes sociais.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. Diretrizes curriculares para o curso de Serviço Social. Disponível em: <http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf>.

Acesso em: 17 de maio de 2019.

CFESS. *Serviço Social: direitos e competências profissionais*. Brasília. CFESS/ABEPSS, 2009.

FERNANDES, Florestan. Universidade e desenvolvimento. In: *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FREITAS, João Vitor Gomes de. Cinema e emancipação humana: as vias específicas da desfetichização no filme-documentário e no filme-ficção. 2019. 116 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

GUERRA, Yolanda. *A instrumentalidade do Serviço Social*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil – esboço de uma interpretação históricometodológica*. 6ª. ed. São Paulo: Cortez; Lima-Peru: Celats, 1988.

_____. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*. São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estetico*. Barcelona; México: Grijalbo, 1966. 4V.

_____. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, José Paulo. A construção do projeto ético-político contemporâneo. In: CEAD; ABEPSS; CFESS. *Capacitação em Serviço Social e Política Social*. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

_____. Transformações societárias e Serviço Social — Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 50, ano XVII, abril de 1996.

_____. Cinco notas a propósito da “questão social”. In: *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

_____. Para a crítica da vida cotidiana. In: *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2005.

PIRES, Laura Letícia de Souza. Possibilidades formativas e educativas da arte: uma discussão a partir das experiências dos grupos de canto coral de Mariana-MG. 2022. 66 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

SILVA, Ana Luiza Campos da. Arte e subjetividade - aproximação às categorias psicológicas do estético : o sistema de sinalização 1'. 2018. 59 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019a.

SANTOS, Izabella da Rocha. A influência da arte no processo de desfeticização da vida cotidiana: particularidade, partidarismo e luta de classes. 2019. 70 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

SILVA, Leidiane Dutra da. O caráter social do circo e suas interações com o universo do artístico e do estético. 2021. 56 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

SILVA, Marlon Garcia. *Serviço Social, arte e extensão universitária: a experiência do Programa Mineração do Outro*. In: HORST, Cláudio; CARRARA, Virgínia (org). “Questão Social”, *Mineração e Serviço Social: reflexões a partir da região dos inconfidentes*. Editora UFOP, 2023.

_____. Ontogênese do estético e vissungos: cantos de trabalho dos negros escravizados na mineração. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 348-356, maio/ago. 2020.

VASCONCELOS, Ana Maria de. *A/o assistente social na luta de classes: projeto profissional e mediações teórico-práticas*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

REFERÊNCIAS: MATERIAL IDENTIFICADO E PESQUISADO

ARRUDA, Daniel Péricles. Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser artístico. **Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 404-414, mai./2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/tD5tWsn8JY3VCfJQH7nHtJQ/?lang=pt>. Acesso em: 08 mai. 2022.

ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. **Katálysis**, v. 23, P.111-121, fev./2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/Kt7j8QwythfpqWsgg6bWXBx/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2022.

BORRI, Giovanna Teixeira. **Da Indústria Cultural à Contracultura: a Música na Formação/Intervenção do Serviço Social**. 2013.p.01-140. Universidade Federal de São Paulo. Campus Baixada Santista. Santos-SP, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/58344/Giovanna%20Teixeira%20Borri.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 set. 2022.

COGOY, Eliana Mourgues. **Aproximações ao debate sobre Cultura e Serviço Social na contemporaneidade**. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social: ENPESS, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23546>. Acesso em: 5 out 2022.

CONCEIÇÃO, D. G. da. O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 50–67, 2010. DOI: 10.5433/1679-4842.2010v12n2p50. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7542>. Acesso em: 6 out. 2022.

DE SOUZA, Flavio Teixeira. **Projeto FAMILIARTE - Serviço Social, Arte e Cultura**. Brasília: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2020.

GALVANESE et al. Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial. **Revista de saúde pública**. São Paulo, SP v. 47, p. 360-367, jun./2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/FCJZBYFtZ4xMkG3JfNmT8FM/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2022.

LUCENA, João Paulo Freitas. **O assistente social e a política de cultura: reflexões sobre a inserção do profissional de Serviço Social**. I Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social: Repositório Institucional da UFSC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180803>. Acesso: 6 out. 2022.

LOPES; CHAVES., Isabel Cristina. A mediação da arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana. **Temporalis**, v. 17, n. 33, p. 61-74, set./2017. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 5 out. 2022.

MATTOS, Bianca Nogueira. O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade. 2015. 184 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/12f44e9c-a85f-408f-8bd8-5d8aa4101a2d>. Acesso em: 5 out. 2022.

OLIVEIRA, Priscilla Rodrigues de. A instrumentalidade do Serviço Social: a arte como intervenção social emancipatória e instrumento inovador para o trabalho da(o) assistente social. 2011. 70 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2992>. Acesso: 8 out. 2022.

PRATES, CRUZ, Jane. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Textos & contextos**. Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 221-232, mai/2022. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 5 out. 2022.

SCHERER, Giovane Antonio; ALVES, Vanessa Castro. Serviço Social, Arte e Cinema: reflexões para o enfrentamento ao pensamento fetichizado. São Borja: Serviço Social Hoje, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206937>. Acesso em: 5 out. 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. A categoria cultura no serviço social brasileiro. Uma análise das diretrizes curriculares do Serviço Social. 2015. 67 f., il. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11948>. Acesso: 10 out. 2022.

TONIOLO, Camila Emanuele. SERVIÇO SOCIAL, ARTE E CULTURA: uma nova sociabilidade. 2020.51f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/14691>. Acesso em: 5 out. 2022.